



SEMANA SANTA 2023



JESUS VENCEU



Direitos de publicação reservados à
DIVISÃO SUL-AMERICANA DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

Coordenação Geral: Herbert Boger Júnior

Autor: Diogo Cavalcanti

Coordenação Editorial: Diogo Cavalcanti

Editoração: André Vasconcelos

Revisão: Esther Fernandes

Capa: Gustavo Leighton

Projeto Gráfico: Renan Martin

IMPRESSO NO BRASIL / *Printed in Brazil*

1ª edição

2022

Os textos bíblicos citados neste material foram extraídos da versão Nova Almeida Atualizada, salvo outra indicação.

Tipologia: Warnock Pro Light 9/11 – 8466/46148

Sumário

Jesus venceu!	4
1º Dia Sábado	
Sombras no Céu	5
2º Dia Domingo	
Uma cruz no paraíso	9
3º Dia Segunda-feira	
Onde está o Cordeiro?	13
4º Dia Terça-feira	
Libertos pelo sangue	17
5º Dia Quarta-feira	
Um novo começo	21
6º Dia Quinta-feira	
Vitória no madeiro	25
7º Dia Sexta-feira	
Consolados pela Palavra	29
8º Dia Sábado	
Salvos para sempre	33

Jesus venceu!

A vitória em Jesus sempre esteve à disposição da humanidade. Quando o pecado entrou no jardim do Éden, o conflito entre o bem e o mal se tornou uma triste realidade. Precisamos sempre nos lembrar disso, pois o inimigo quer destruir os filhos de Deus. Contudo, antes de Satanás usurpar o domínio deste planeta, já existia um plano vitorioso que se cumpriria em Jesus, o “Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo” (Ap 13:8, ARA). O próprio Jesus disse: “No mundo, vocês passam por aflições; mas tenham coragem: Eu venci o mundo” (Jo 16:33).

Jesus venceu e restaura a nossa vida.

Jesus venceu e perdoa os nossos erros.

Jesus venceu e nos salva do poder do pecado.

Jesus venceu e nos ensina a amar o próximo como a nós mesmos.

Jesus venceu e nos faz misericordiosos e solidários.

Jesus venceu e purifica o nosso coração.

Jesus venceu e arranca de nós o egoísmo.

Jesus venceu e nos torna fiéis à Sua Palavra.

Jesus venceu e nos dá segurança e confiança.

Jesus venceu e nos enche de certeza de um mundo melhor.

Como escreveu Ellen White, “todas as energias da vida, do corpo e da mente devem ser empenhadas na batalha cristã. Devemos olhar para Cristo a fim de receber força e graça, e assim obteremos a vitória tão certo como Jesus morreu por nós. [...] É muito nos entregarmos a Ele, que por nós tudo sacrificou? [...] ‘Ao vencedor, darei o direito de sentar-se Comigo no Meu trono, assim como também Eu venci e Me sentei com o Meu Pai no Seu trono’” (*Mensagens aos Jovens*, 2021, p. 86, 87).

Durante esta semana, experimente essa maravilhosa vitória em Jesus através das mensagens preparadas com muita oração e dedicação pelo pastor Diogo Cavalcanti, editor na Casa Publicadora Brasileira. Participe da Semana Santa e mobilize sua igreja para convidar o máximo de amigos possível.

Herbert Boger Júnior
Ministério Pessoal e ASA
Divisão Sul-Americana

Sombras no Céu

Introdução

O que há de errado com o mundo? Por que as pessoas são capazes de fazer coisas tão terríveis? Se existe tanta terra para plantar, tecnologia e gente para trabalhar, por que há tanta fome e pobreza? Por que as nações entram em guerra e cometem atrocidades? Por que existe tanta confusão política e religiosa? Por que pessoas inocentes sofrem? Por que surgem tantas doenças? Afinal, por que morremos se nos foi dado o privilégio da vida? São muitas perguntas, mas precisamos responder a uma questão que talvez seja ainda mais complexa: Como explicar o mal se existe um Deus todo-poderoso?

É nisso que somos tentados a pensar quando as lutas e tragédias batem à nossa porta. Um pai pode indagar: “Por que Deus permite que minha filha de quatro anos tenha leucemia?” Uma mulher pode questionar: “Por que tenho que viver numa cama e com dor, se ajudei tanta gente?” Um empresário pode lamentar: “Por que sofro com enxaquecas horríveis todos os dias?” Uma criança pode perguntar: “Por que ninguém impediu que meu cachorro fosse atropelado?”

A onda mortal de covid-19 varreu o mundo e destruiu famílias inteiras, incluindo muitos que procuraram se cuidar, mas acabaram infectados. Uma profissional de saúde de uma grande cidade sul-americana perdeu 13 parentes próximos, entre eles esposo, pai, mãe, filho e outros. Para pessoas assim, o problema do mal não é apenas uma questão filosófica, mas um choque quase insuportável.

Se essas questões têm uma resposta, onde encontrá-la? Quem seria confiável o bastante ou teria autoridade para apresentar uma solução? Numa era em que cada um tem sua verdade, será que existiria uma verdade absoluta sobre o assunto do mal? O educador George Knight afirma, em seu livro *Filosofia & Educação* (páginas 21-25), que existem apenas quatro fontes humanas de conhecimento: (1) os *sentidos*, (2) a *autoridade*, (3) a *razão* e (4) a *intuição*.

Nossos *sentidos* – a visão, o tato, o olfato, o paladar e a audição – não nos deram uma resposta satisfatória sobre o mal até hoje. A *razão*, com suas filosofias, só oferece possibilidades. A *autoridade* pode até tentar impor uma resposta, mas possivelmente estará ligada a algum interesse. E a *intuição* – o que sentimos – pode não ser uma guia confiável. Então, o que nos resta se todas as fontes são insuficientes? Como entender esse problema e viver melhor neste mundo?

Felizmente, há mais uma fonte de conhecimento: a *revelação*! A revelação é um conhecimento que está além do que o ser humano pode perceber, raciocinar, querer ou sentir. É uma fonte de informação sobrenatural, concedida espiritualmente a pessoas que deixaram escritos sagrados por eras. Esses escritos contêm profecias que se cumpriram ao longo da história. Trazem verdades que renovam a esperança e transformam vidas. São as Escrituras Sagradas, a Bíblia, cujo autor maior é Deus.

Deus inspirou 40 escritores ao longo de mais ou menos 1.600 anos para nos mostrar a verdade. “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça” (2Tm 3:16). Eles escreveram com suas palavras, mas o conteúdo, o que eles tinham para dizer, veio

6 Semana Santa 2023

de Deus. “Primeiramente, porém, saibam que nenhuma profecia da Escritura provém de interpretação pessoal; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (2Pe 1:20, 21). Foi o Espírito Santo quem lhes deu a mensagem que escreveram, cada um à sua maneira.

Nesta semana, vamos fazer uma viagem incrível por essa revelação a fim de descobrir o que a Bíblia ensina sobre a origem do mal. Várias profecias bíblicas tratam de um “grande conflito” (Dn 10:1), ou seja, falam de uma batalha entre o bem e o mal que envolve o Céu e a Terra. Vemos um Deus preocupado e envolvido com nossos problemas. Ele foi até as últimas consequências, Se humanizou e Se sujeitou à realidade da dor e da morte para nos salvar. É aí que a história muda de figura! É o bilionário ficando pobre para ajudar seu querido amigo. Você consegue imaginar?

Se você quer entender mais deste e de outros assuntos, então convidamos você a fazer parte desta semana única! Não perca nenhum dia, nem um único minuto dela. Traga seus amigos e sua família! Faça seu melhor para descobrir o que esse conhecimento revelado e sagrado tem a dizer. Hoje, vamos entender um pouco mais sobre como o mal e esse grande conflito começaram. Ao longo da semana, vamos ver alguns episódios ou batalhas do grande conflito em histórias e ensinamentos fantásticos. Então, faça planos de estar aqui e ouvir o que Deus tem a lhe dizer!

Agora vejamos nossa primeira grande lição desta noite.

I. Deus criou o bem, mas alguns de Seus filhos escolheram o mal

A Bíblia ensina que as obras de Deus são boas e perfeitas. Segundo a Palavra de Deus, não existe uma ideia de mal necessário, pois Deus é luz, e Nele não habita escuridão nenhuma (1Jo 5:5). Pelo contrário: na criação, há variedade e sabedoria (Sl 104:24). “Os céus proclamam a glória de Deus” (Sl 19:1). Tudo veio a existir por meio de Suas palavras: “Ele falou e tudo se fez; Ele ordenou, e tudo passou a existir” (Sl 33:9). “Suas obras são perfeitas, porque todos os Seus caminhos são juízo. Deus é fidelidade, e Nele não há injustiça” (Dt 32:4). Tudo o que Ele criou era bom, e o conjunto total era “muito bom” (Gn 1:25, 31). Acima de tudo, Deus é amor (1Jo 4:8). Logicamente, não há nem houve nenhum propósito divino em provocar a existência do mal, pois de Deus só emana o bem. Ele é a fonte do bem.

Contudo, a liberdade é uma das coisas mais importantes para Deus. Ele fez todos os seres do Universo livres. Por termos o livre-arbítrio, ou seja, o direito de escolher e decidir por nós mesmos, somos capazes de escolher entre o bem e o mal. Quantas vezes na vida somos confrontados com situações do tipo: falar a verdade ou mentir, ser honestos e fiéis ou não, comer o que faz mal ou o que faz bem!

Na própria corte celestial surgiu uma nota dissonante: o pecado na forma de orgulho. Lúcifer, o ser mais próximo da glória de Deus, almejou essa glória para si. Ele quis ser como Deus e dominar como deus. O livro de Ezequiel apresenta sua identidade, e o livro de Isaías revela seu projeto de poder. Ele era um “querubim da guarda”, “ungido”, “permanecia no monte santo de Deus”, era “perfeito nos seus caminhos”, até que inexplicavelmente “se achou iniquidade” em seu coração (Ez 28:14, 15).

“Subirei ao céu” – Lúcifer planejava – “exaltarei o meu trono acima das estrelas e me assentarei no monte da congregação, nas extremidades do Norte. Subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo” (Is 14:12-14). Foi esse ser angelical que trouxe a terrível novidade do pecado ao Universo. Com muito carisma e influência quase irresistível, sua ação de engano gerou dúvidas em outros anjos que se uniram a ele. Segundo o Apocalipse, “estourou a guerra no céu. Miguel e os Seus anjos lutaram contra o dragão”; Lúcifer é o “grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo. Ele foi atirado para a Terra, e, com ele, os seus anjos” (Ap 12:7, 9).

A rebelião de Lúcifer envolveu um terço dos anjos do Céu, segundo Apocalipse 12:4, e depois envolveu a Terra, o que veremos amanhã. O ponto é que o mal se espalhou e gerou um enorme problema no Universo. Não foi criado por Deus, mas foi uma parte dos anjos que escolheu o mal e se rebelou. Depois foi a humanidade que também escolheu experimentar o mal, e então surgiram todas as consequências terríveis que sentimos hoje. Mas Deus continuou lutando. O grande conflito continua ao nosso redor: Deus e Satanás, anjos do bem e do mal. Porém, o que podemos fazer para ser salvos neste cenário de guerra cósmica?

II. Lúcifer trouxe o mal, mas Jesus interveio para restaurar o bem

Se Lúcifer quis subir ao trono, Jesus desceu dele. Se o orgulho de Lúcifer mirava a divindade, Jesus escolheu Se rebaixar e assumir nossa humanidade. Em Filipenses, encontramos um projeto totalmente contrário ao de Lúcifer. Jesus Se fez carne. Foi feito um pouco menor do que os anjos. “Existindo na forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus algo que deveria ser retido a qualquer custo. Pelo contrário, ele Se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-Se semelhante aos seres humanos. E, reconhecido em figura humana, Ele Se humilhou, tornando-Se obediente até a morte, e morte de cruz” (Fp 2:5-8).

Perceba que Jesus desceu uma escada: de Deus a homem, de homem a servo (ou melhor, “escravo”, segundo o texto grego), de servo a condenado à morte, a pior e mais vergonhosa delas – a morte de cruz. Sendo Deus, Jesus Se tornou carne, Se fez um de nós, tornando-Se Deus conosco (Jo 1:1-3, 14). Como na história de Espártaco, Ele Se tornou um escravo para libertar os escravos!

Se Lúcifer tinha um projeto de poder, Jesus tinha um projeto de serviço. Ele não veio apenas para ter uma experiência humana e tornar-Se semelhante a nós. No plano de Deus, Sua encarnação deveria levá-Lo à cruz, onde Ele daria a vida por nós. Para vencer, Ele teria que “perder” aos olhos do mundo. Jesus teria que morrer para que outros vivessem.

Ele era o “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”, “o Cordeiro que foi morto” desde a fundação do mundo (Jo 1:29; Ap 13:8). Ou seja, o plano com Seu sacrifício havia sido feito antes que o pecado surgisse. Em Sua onisciência e sabedoria, Deus criou um plano para salvar a humanidade antes mesmo que ela fosse arrastada para o grande conflito. Nesse plano, em vez de exigir sacrifícios e compensações humanas, Deus Se dispôs a sofrer as consequências do pecado em nosso lugar.

8 Semana Santa 2023

Em Apocalipse 5, João chorava porque o livro da aliança e do destino da humanidade não podia ser aberto por ninguém. Contudo, logo ouviu: “Não chore! Eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para quebrar os sete selos e abrir o livro”. Quando se voltou para ver, João viu “em pé, um Cordeiro que parecia que tinha sido morto”. O Cordeiro, que representa Jesus, pegou o livro, e, quando fez isso, todos se prostraram, dizendo: “Digno és de pegar o livro e de quebrar os selos, porque foste morto e com o Teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação [...] e eles reinarão sobre a Terra” (Ap 5:5-10).

Apesar de causar grande estrago e dor no Céu e na Terra, Lúcifer perdeu e Jesus venceu. O pecado surgiu em um querubim *ungido* (Ez 28:15), mas outro *Ungido* (o Messias, Cristo) veio para destruir as obras do diabo (Dn 9:24; 1Jo 3:8). Esse envolvimento de Deus com o problema do mal é a resposta para todas as perguntas. Jesus caminhou em um mundo de dor e morte. Ele veio para curar, ensinar e salvar. O diabo foi lançado para a Terra enquanto o nome de Jesus foi exaltado sobre todo nome (Fp 2:9-11). Depois de descer a escada para servir, Jesus foi glorificado pelo Pai! Ele venceu, e nós vencemos com Ele, pelo sangue do Cordeiro (Ap 12:11). O Filho do Homem reina, e por isso nós reinaremos com Ele (Dn 7:14, 27)!

Para reinar com Ele, precisamos tomar uma decisão hoje. *Hoje* precisamos escolher. “*Hoje* [...] lhes propus a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolham, pois, a vida, para que vivam” (Dt 30:19).

O Pai, o Filho e o Espírito Santo agiram em harmonia para resolver o problema do mal sem destruir a liberdade que nos foi concedida. Deus nos convida a usar nossa liberdade para deixar a rebelião e crer em Jesus: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que Nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16). Para ser salvo, é preciso crer Nele. Isso também significa que precisamos *querer*. Por isso, antes de realizar uma cura, Jesus perguntava: “O que você quer que Eu lhe faça?” (Lc 18:41). Hoje, nesse cenário de conflito e rebelião, Jesus olha para você e diz as mesmas palavras: “O que você quer que Eu lhe faça?”

Apelo

O mundo está mergulhado em um grande conflito espiritual. Todos os dias, sofreremos com as consequências desse conflito, que está estampado na rádio, na TV e na internet. Por trás de tudo está a realidade do pecado, com o orgulho, o egoísmo e toda maldade. Somente Deus pode nos salvar do pecado. Somente Ele tem o remédio para essa doença mortal que infectou parte dos anjos e todos os seres humanos.

Não temos como salvar a nós mesmos. Dependemos de um salvamento. Jesus veio para nos salvar. Desde o Antigo Testamento, Jesus é o Cordeiro de Deus, a resposta divina ao problema do mal. Sua dor e morte são a resposta ao pecado que está ao nosso redor. Como Cordeiro de Deus, Ele veio para enfrentar o mal e dar a vida por nós, pagando o preço por nossos pecados. Precisamos olhar para Ele, crer Nele e nos render a Ele. Somente Ele é capaz de reverter todas as tragédias e construir um novo mundo de paz. Nesta semana, vamos entender como Ele faz e fará isso. Porém, agora precisamos tomar uma decisão a Seu lado: escolher a vida, a vida que há em Jesus Cristo, pois Ele venceu por mim e por você!

Uma cruz no paraíso

Introdução

Certo dia, o dono de um ferro-velho recebeu peças de chumbo de um aparelho diferente. Ao desmontá-las, encontrou um pó branco, parecido com sal, mas que brilhava no escuro com uma cor azul. Encantado com o brilho, resolveu mostrá-lo a familiares, amigos e vizinhos. Alguns até levaram amostras para casa. Logo começaram os primeiros sintomas. Pessoas foram encaminhadas ao hospital. Somente 13 dias depois, em 29 de setembro de 1987, descobriu-se que eles estavam lidando com 19 gramas de material radioativo, o céσιο-137. O dono do ferro-velho, sua esposa, dois funcionários, uma menina e seu pai faleceram tragicamente. Então, um imenso processo de descontaminação foi iniciado, resultando na retirada de 6 mil toneladas de lixo e materiais de construção, confinados em 1.200 caixas, 2.900 tambores e 14 contêineres revestidos de concreto e aço, guardados na cidade de Abadia de Goiás, para ali ficarem por 600 anos. Centenas de sobreviventes contaminados sofrem até hoje com os efeitos da radioatividade (site Brasil Escola, “Acidente com o céσιο-137 em Goiânia”).

Como seres humanos, às vezes somos fisgados pela curiosidade. Desejamos conhecer realidades diferentes. Esse sentimento tem ainda mais força com coisas novas, mas também com as proibidas e perigosas. Pessoas que não têm vícios podem sentir alguma curiosidade por álcool e outras substâncias que prometem fortes sensações. Perigos rondam muitos casamentos, como já estamos cansados de ver. A grande lição é que podemos até saber que uma coisa faz mal, porém é muito mais profundo experimentar o mal em nosso corpo, conhecendo-o na prática. Assim como o material radioativo, a Bíblia revela que o pecado afeta não só uma pessoa, mas todas as que estão ao redor. Poderíamos dizer que, mesmo em pequenas quantidades, ele é “radioativo” e mortal.

Como vimos, o pecado e todos os males deste mundo tiveram início no Céu, com Lúcifer. Ele conseguiu convencer um terço dos anjos a se unir a ele em sua rebelião e foi expulso para a Terra, caindo como um relâmpago (Lc 10:18). Por isso, um de seus nomes é “diabo”, que significa “lançado”, porque ele foi lançado do Céu para a Terra. Os seres humanos estavam em risco, mas só conheceriam o mal se quisessem experimentá-lo. E é sobre isso que vamos falar hoje.

I. Precisamos estar atentos à verdade de Deus para não cair nos enganos do inimigo

Não houve justificativa para o surgimento do pecado no Céu, que é um lugar perfeito. Da mesma forma, não havia justificativa para o surgimento do pecado na Terra recém-criada, pois ela também era perfeita. O primeiro casal vivia em um paraíso. Adão e Eva foram criados por Deus no sexto dia e descansaram em seu primeiro dia inteiro, o sábado. Não havia morte nem dor. Ambos eram belos, o clima era perfeito, e os animais eram doces. Eles literalmente reinavam sobre toda a criação de Deus.

O primeiro casal, contudo, tinha somente uma proibição: não deveriam comer do fruto da árvore que estava no meio do jardim. “De toda árvore do jardim você pode comer livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal você não

10 Semana Santa 2023

deve comer; porque, no dia em que dela comer, você certamente morrerá” (Gn 2:16, 17). Essa era a única restrição à qual deveriam obedecer.

O “não” para uma única árvore significava um “sim” para todas as outras. Geralmente funciona assim: os não de Deus são afirmativos, representando apenas um pequeno limite ao imenso menu de opções que temos à disposição. Seria como um estacionamento com 700 vagas, totalmente vazio, em que você pudesse estacionar em qualquer vaga, menos em uma vaga azul. Que razão você teria para deixar o carro na vaga proibida? A diferença é que a proibição de Deus servia para proteger o primeiro casal. Porém, por mais que pareça ilógico, o ser humano deseja aquilo que é proibido. Pode ser até pior do que o que ele já tem, mas a curiosidade, o desejo de experimentar o novo e o proibido é algo muito forte que temos dentro de nós e que não conseguimos vencer sem a ajuda de Deus.

O casal viveu bem por um tempo no paraíso e, quem sabe, nunca teria provado do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. No entanto, em um momento de desatenção, Eva se viu longe de seu marido e perigosamente próxima demais da árvore proibida. Ela estava tão perto da árvore que foi capaz de ouvir sussurros estranhos que vinham dali. Sua mente foi atraída para mais perto. Sem nenhum aviso, ouviu uma pergunta tão tortuosa quanto a serpente que falava: “É verdade que Deus disse: ‘Não comam do fruto de nenhuma árvore do jardim?’” (Gn 3:1).

Façamos uma pausa agora. Perceba que, assim como Deus emite frases para criar o mundo, a serpente emite uma frase para destruir o que Deus havia feito com tanto amor e perfeição. Ela toma as palavras de Deus e as organiza de uma maneira parecida, mas com um sentido totalmente diferente. Na língua original, ela afirma: “É certo que Deus disse: ‘Não comereis de toda árvore do jardim?’” (*Antigo Testamento Hebraico-Português*, 2012, v. 1, p. 9).

A serpente se apresenta como a intérprete da palavra de Deus. Primeiramente, ela separa uma frase do restante da ordem divina, afirmando para Eva que Deus tinha dito que ela poderia comer de todas as árvores do jardim, e ponto. Ao dizer *só isso*, estava contrariando o que Ele ordenou. O inimigo de Deus é mestre em citar a Bíblia. Ele a conhece mais do que qualquer um. Ainda hoje ele usa até mesmo a Palavra de Deus, a Bíblia, para enganar milhões e milhões de pessoas.

A estratégia que ele usou no Éden, de torcer as palavras de Deus, foi a que usou com Jesus no deserto. Ele citou de memória o Salmo 91:12 para convencer Jesus a pular de cima do teto do templo. E veja que ele ainda usou um “está escrito!” “Se você é o Filho de Deus, jogue-se para baixo, *porque está escrito*: ‘Aos Seus anjos Ele dará ordens a seu respeito. E eles o sustentarão nas suas mãos, para que você não tropece em alguma pedra’” (Mt 4:6). No “ringue” do grande conflito entre o bem e o mal, ele quis derrubar Jesus com um “golpe bíblico”.

Em resposta, Jesus Se defendeu com outro “está escrito”: “Também está escrito: ‘Não ponha à prova o Senhor, seu Deus’” (Mt 4:7). Ele citou Deuteronômio 6:16, em que Moisés exortou o povo de Israel a não pôr Deus à prova, como haviam feito no deserto. Diante das falhas dos seres humanos, do casal no paraíso e de Israel no deserto, Jesus venceu. Em tentações semelhantes, Ele só venceu porque conhecia a Palavra de Deus.

Nossa única segurança é conhecer a Palavra de Deus. “À lei e ao testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles” (Is 8:20, ACF).

As Escrituras Sagradas são apresentadas ao povo de Deus como a proteção contra a influência dos falsos ensinadores e o poder ilusório dos espíritos das trevas. Satanás usa todos os meios possíveis para impedir os seres humanos de obter conhecimento da Bíblia, pois os claros ensinamentos dela desmascaram seus enganos. [...] Somente aqueles que têm fortalecido a mente com as verdades da Bíblia poderão resistir no último grande conflito. Todos terão de passar pela prova decisiva: Obedecerei a Deus ou aos homens?” (Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 2021, p. 494).

Nesta semana, estamos fazendo exatamente o que lemos acima: fortalecendo a mente com a Palavra de Deus. E fazemos isso porque queremos vencer as tentações e as provas que enfrentamos hoje e vamos enfrentar amanhã. O pecado seduz, é apelativo, ainda que seja irracional. Promete mil coisas, desenha um futuro maravilhoso, mas a realidade que ele traz é infelicidade, doenças e morte. Porém, Jesus nos ensina que apenas podemos vencer por meio da Palavra de Deus. Ela é espada e escudo. Sem a Palavra de Deus, ficamos completamente indefesos diante das investidas do inimigo da nossa salvação. Sem a Bíblia, não conseguimos conhecer a vontade e os planos de Deus. Somente ela nos ensina de onde viemos e para onde vamos. Sem ela, não conseguimos conhecer Jesus, porque é a Bíblia que dá um testemunho fiel de quem Ele é (leia Jo 5:39 e Lc 24:27).

II. O pecado infectou o mundo e precisamos de Jesus para nos salvar

Em 2020, o mundo sofreu com a pandemia da Covid-19, que deixou um saldo de milhões de mortos e um rastro de destruição. Contudo, a Bíblia revela que a entrada do pecado foi a primeira e a mãe de todas as pandemias, pois é uma doença que leva todas as pessoas à morte, sem exceção. “Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado veio a morte, assim também a morte passou a toda a humanidade, porque todos pecaram” (Rm 5:12).

Humanamente falando, não há uma saída para a morte. Perdemos queridos para a sepultura, e outros queridos vão nos perder. Ali terminam as realizações, a convivência, os projetos e os sonhos da vida. “Porque os vivos sabem que vão morrer, mas os mortos não sabem nada e não têm nenhuma recompensa a receber, porque a memória deles jaz no esquecimento. Amor, ódio e inveja para eles já não existem mais; eles estão afastados para sempre de tudo o que se faz debaixo do sol” (Ec 9:5, 6).

No entanto, uma palavra de esperança ecoa desde o paraíso. Diante da tragédia, Deus anuncia as boas-novas. Olhando para a serpente, o Criador diz para o inimigo: “*Inimizade* porei entre você e a mulher, e entre a tua semente [os descendentes] e a semente dela; *Ele* te esmagará a cabeça e você Lhe ferirá o calcanhar” (Gn 3:15, tradução do autor).

Essa poesia hebraica cheia de simbolismo anuncia que Deus poria inimizade entre o anjo caído e os seres humanos também caídos. Eles não formariam uma rebelião unida. O fato de a frase iniciar com a palavra “inimizade” representa uma ênfase na ação divina. Em outras palavras, Deus declarou que dali em diante haveria um *conflito*, mas Deus não desistiria da humanidade. Ele disse que lutaria por nós. Não seria um conflito qualquer; seria um longo, intenso e grande conflito entre o bem e o mal que ocorreria no coração e na vida das gerações futuras.

12 Semana Santa 2023

Outro ensino importante dessa passagem é que da semente ou da descendência da mulher surgiria um homem (Ele) que esmagaria a cabeça da serpente. Essa é a primeira promessa da vinda de um Salvador. Na verdade, a Bíblia é uma grande saga, uma grande história real que narra a história de gerações e gerações de famílias que esperaram nascer um filho que se tornaria o Salvador do mundo.

Para os condenados à morte pelo pecado, Jesus é a esperança que brilha ao longo das páginas da Bíblia. Como Ele mesmo disse, “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em Mim, ainda que morra, viverá” (Jo 11:25). No domingo da ressurreição, o Cristo ressuscitado encontrou dois discípulos que caminhavam tristes em direção a uma vila chamada Emaús. Diante da tristeza deles por Sua morte, Jesus “começando por Moisés e todos os Profetas, explicou-lhes o que constava a respeito Dele em todas as Escrituras” (Lc 24:27). Jesus explicou o que Bíblia falava a Seu respeito, de Gênesis a Malaquias! E certamente falou da esperança anunciada desde o Éden, o paraíso perdido. O evangelho não começa em Mateus ou no Novo Testamento. O evangelho começa em Gênesis! Por volta do ano 180, Irineu de Lyon foi o primeiro a chamar Gênesis 3:15 de *protoevangelho*, ou seja, “o primeiro evangelho” ou “evangelho inicial” (ver Jacques Doukhan, *Genesis, Seventh-day Adventist International Bible Commentary*, 2016, p. 103).

Entretanto, a promessa de Deus teria um preço. A cabeça da serpente seria pisada, mas ela feriria o calcanhar com seu veneno mortal. A intervenção divina custaria caro para Deus. A morte da serpente levaria à morte do Libertador. O Libertador teria que experimentar a morte para nos salvar da morte. “Portanto, assim como, por uma só ofensa, veio o juízo sobre todos os seres humanos para condenação, assim também, por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos para a justificação que dá vida” (Rm 5:18). A desobediência e o pecado de Adão e Eva seriam vencidos por um único ato de justiça – a cruz de Cristo – para que a graça de Deus pudesse ser concedida para nossa salvação.

Deus fincou uma cruz no paraíso para dissipar as sombras lançadas pelo pecado. Pela fé no Redentor que viria, as pessoas poderiam ser salvas do pecado e da morte eterna. O grande erro do passado seria consertado mediante o sacrifício e o precioso sangue do Filho de Deus. Como um pastor que ama Suas ovelhas, Deus Se comprometeu a descer ao desfiladeiro escorregadio deste mundo para salvar a ovelha perdida. Ele Se alegra em salvar os perdidos. Ele nos ama, independentemente do que tenhamos feito, do nosso passado, dos erros que cometemos na vida. Não importa o quanto estejamos sujos, Ele nos abraça e promete fazer o impossível para nos salvar se realmente clamarmos por isso.

Apelo

Agora mesmo Jesus estende Sua mão para você. Ainda que você tenha caído, ainda que não tenha resistido às tentações e se encontre hoje sujo, imundo pelo pecado, “Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1Jo 1:9). Ele não olha para a sujeira dos seus maus atos. Ele olha para você e oferece uma nova chance. Hoje Ele está chamando você para recomeçar. Entregue sua vida a Ele hoje!

Onde está o Cordeiro?

Introdução

Enquanto algumas pessoas abandonam seus filhos ou os criam com indiferença, milhares sonham em ser pais. Talvez por terem vindo de famílias grandes, quem sabe, por terem convivido com um irmão ou irmã, por abrigarem boas lembranças. Quem sabe, por terem tido uma infância ruim, sonham em fazer diferente. Muitos sentem o luto por um filho que não tiveram ou se lançam em uma árdua batalha nas clínicas. Outros ainda tentam achar um lugar nas longas filas de adoção.

Para os antigos homens e mulheres da Bíblia, ter um filho era uma das maiores realizações da vida. Era uma forma de manter a memória da família, de transferir a propriedade que os pais deixavam como herança. Acima de tudo, os filhos eram a maior herança (Sl 127:3). Na longa saga dos descendentes de Eva, as mães esperavam que seus filhos fossem abençoados por Deus para realizar algo especial. O nome dos filhos geralmente revelava grandes expectativas.

Dando sequência à promessa iniciada no Éden, Deus prometeu filhos e uma grande descendência a Abraão quando o chamou de Ur dos caldeus para a terra de Canaã. Abraão receberia uma terra e descendentes para habitar ali, formando uma grande nação que seria uma bênção para o mundo. Mas nem tudo ocorreu de maneira tão fácil. Abraão e Sara não conseguiam ter filhos. Os anos se passaram até que eles perderam todas as esperanças. A esterilidade paralisou a fé.

Quando Abraão atingiu a idade de 99 anos, Deus apareceu novamente para ele. O Senhor prometeu ao patriarca mais uma vez que o faria pai de uma grande nação (Gn 17:5, 6). Seu nome não seria mais Abrão (“pai exaltado”), mas Abraão (“pai de um povo”). O nome de “Saraí” (“minha princesa”) também foi mudado para Sara, “princesa”, porque Deus a abençoaria como mãe de nações e reis (Gn 17:15, 16). Abraão já era pai de Ismael, mas foi então que Deus prometeu o nascimento de um filho por meio de Sara, sua esposa legítima, e o menino deveria se chamar Isaque. Ele herdaria a aliança feita por Deus com Abraão.

Isaque significa “riso”. Foi aos 100 anos que Abraão viu o riso renascer no semblante de sua esposa. Sara disse: “Deus me deu motivo de riso. E todo aquele que ouvir isso vai rir comigo” (Gn 21:6). Quando o menino foi desmamado, Abraão deu um grande banquete (v. 8). Deus quis deixar claro que o nascimento de Isaque foi um milagre.

Tudo parecia estar caminhando bem quando “Deus pôs Abraão à prova e lhe disse: ‘Abraão!’ Este lhe respondeu: ‘Eis-me aqui!’ Deus continuou: Pegue o seu filho, seu único filho, Isaque, a quem você ama, e vá à terra de Moriá. Ali, ofereça-o em holocausto, sobre um dos montes, que Eu lhe mostrar” (Gn 22:1, 2). O texto hebraico parece indicar que a fala de Deus não era apenas uma ordem, mas uma expressão do desejo por uma oferta voluntária. Ao mesmo tempo, as palavras calculadas comunicavam não somente a ordem, mas despertavam as mais profundas afeições paternas, elevando aquela prova a uma severidade extrema (H. D. M. Spence-Jones, org., *Genesis*, The Pulpit Commentary, 1909, p. 283).

Aquilo parecia loucura. O filho tão esperado, fruto de um milagre divino era então exigido por Deus para ser morto e queimado em holocausto? “Devemos notar

14 Semana Santa 2023

que foi ‘esta vez, a última vez, a única vez e a vez mais difícil em que não há promessa acompanhando a prova’” (Borgman, *Genesis*, em Jacques Doukhan, *Genesis*, The Seventh-day Adventist International Commentary, 2016, p. 277). Antes de sacrificar o filho, Abraão já estava morto por dentro. Não era só um dos momentos-chave do grande conflito, mas a maior batalha da vida de Abraão.

Por que Deus fez esse pedido? O que aconteceu no final? E o que tudo isso representa? Vamos ver isso agora.

I. Somos chamados a imitar a obediência do pai

Abraão ouviu a mensagem de Deus e partiu na madrugada do dia seguinte sem questionar. Embora mais tarde Deus tivesse deixado claro que abomina sacrifícios humanos (Lv 18:21; Dt 12:31), não avisou isso para Abraão. Entre caldeus e cananeus, sacrifícios de bebês e crianças eram uma triste realidade daquela época.

Abraão não buscou nenhum conselho humano ou opinião diferente em que se apoiar. Em sua espiritualidade madura, em sua longa relação com Deus, decidiu obedecer, mesmo que não lhe tivesse sido dado um porquê. Ele era amigo de Deus (Is 41:8) e talvez devesse desconfiar mais de si mesmo do que do Senhor.

Podê ter se perguntado: “Afim, será que ouvi direito? Tenho que sacrificar meu filho?” Estava ele sendo traído por seus sentidos e sua razão? Unicamente uma comunhão viva e madura, desenvolvida ao longo de anos, poderia afastar a “autodenúncia” de loucura (Francis D. Nichol, ed., *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*, 2011, v. 1, p. 356). Desobedecer a Deus parecia ser a atitude sóbria para o momento, e obedecer seria loucura. O apóstolo Paulo resumiu: “Ora, a pessoa natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura. E ela não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (1Co 2:14). Para o mundo, seguir a Deus parece loucura.

Para o mundo, estar aqui ouvindo uma mensagem de Deus parece loucura total. Existem pais que preferem que o filho esteja com um copo de bebida na mão do que com a Bíblia, não é verdade? Mas as coisas de Deus são entendidas espiritualmente. Para o cristão, “é mais importante obedecer a Deus do que aos homens” (At 5:29). Em nossos dias, a ideia de obedecer é algo até mesmo ridículo – “coisa de gente limitada, boba”. Embora tivesse falhado em alguns momentos de sua caminhada com Deus, obedecer se tornou um valor inegociável para Abraão e é o chamado divino para nós, hoje.

Ao partir no caminho de 90 quilômetros ou três dias a pé de Berseba ao monte Moriá, na futura cidade de Jerusalém (2Cr 3:1), Abraão também revelou sua fé em Deus. Em Gênesis 12, Abraão foi chamado a deixar seu passado, a terra de seus ancestrais e parentes; em Gênesis 22, Abraão foi chamado a “arriscar futuro, seu filho e sua esperança” (Doukhan, *Genesis*, p. 276).

Era a maior prova que um ser humano poderia suportar. “Isaque era para ele a luz do lar, a consolação da velhice e, acima de tudo, o herdeiro da bênção prometida [...]; entretanto, foi-lhe ordenado derramar o sangue daquele filho, com sua própria mão. Pareceu-lhe uma terrível impossibilidade” (Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, 2022, p. 118). Cada passo do caminho testemunhava que sua devoção a Deus estava acima de qualquer coisa ou pessoa. Estava acima do próprio Abraão. Como pai da fé, Abraão nunca deixou de ser um aluno na escola de Cristo.

“No terceiro dia, Abraão ergueu os olhos e viu o lugar de longe. Então disse aos servos: ‘Esperem aqui com o jumento. Eu e o rapaz iremos até lá e, depois de termos adorado, voltaremos para junto de vocês’” (Gn 22:4, 5). Essa foi uma declaração heroica. “Por um lado, Abraão aceita a ordem de Deus para sacrificar seu filho; por outro, confia em Deus e em Sua promessa de que Isaque será o pai de um povo escolhido e o ancestral dos Messias. [...] Ele não dispensa a ordem de Deus assim como não dispensa a promessa Dele” (Doukhan, *Genesis*, p. 279). Abraão cria que Isaque viveria (Gn 17:21), ressuscitaria (Hb 11:19). Cria que o Senhor é o Deus da vida, não da morte. Enxergou o invisível e o impossível e seguiu em frente, tornando-se o “pai da fé” (Rm 4:11).

Em nossa caminhada com Deus, por vezes, somos levados a situações extremas. Somos confrontados a decidir obedecer ou não àquilo que Deus pede. A maioria prefere ignorar e negar o que Deus diz e seguir o próprio caminho, mas Ele nos chama a confiar Nele e a ter uma profunda experiência de fé que nos impulsiona a obedecer à Sua Palavra (Tg 2:21, 22). Somos chamados a viver pela fé como Abraão viveu.

II. Somos chamados a imitar a submissão do filho

Assim como Abraão, o jovem Isaque também foi um exemplo de fé. A narrativa diz que “os dois caminhavam juntos” (Gn 22:6). Pai e filho andavam juntos. Isaque, com pouco mais de 20 anos, seguia seu pai centenário com todo o respeito e carinho. Embora aquela viagem fosse estranha e mal explicada, em nenhum momento lemos que ele questionou o pai.

O clima de tensão é notado na raridade dos diálogos. Perto da hora mais difícil, o silêncio prevalece, até que o jovem pergunta: “Meu Pai! [...] Eis aqui o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?” Abraão respondeu: ‘Deus provará para Si o cordeiro para o holocausto, meu filho.’ E os dois seguiam juntos” (Gn 22:7, 8). O pai respondeu com carinho, manifestando mais uma vez uma fé heroica.

“No lugar indicado construíram o altar, e sobre ele colocaram a lenha. Então, com voz trêmula, Abraão revelou ao seu filho a mensagem divina. Foi com terror e espanto que Isaque soube de seu destino, mas não ofereceu resistência. [...] Isaque [...] entregou-se com voluntária submissão. Partilhava da fé que Abraão possuía e sentia-se honrado sendo chamado a dar a vida em oferta a Deus. Com ternura, procurou aliviar a dor do pai e auxiliou-lhe as mãos debilitadas a amarrarem as cordas que o prendiam ao altar” (White, *Patriarcas e Profetas*, p. 120).

Em uma era em que os filhos desonram e maltratam os pais, precisamos aprender com Isaque, que amava o pai idoso e amava profundamente a Deus. Ele considerava uma honra obedecer ao pai e dar a vida em sacrifício para o Senhor. Quando Deus nos pede ou ordena algo, nossa primeira reação é nos fechar em egoísmo, mas Isaque e seu pai entregaram a maior oferta que qualquer um pode dar – eles mesmos e tudo o que lhes era mais importante.

III. Somos chamados a contemplar o sacrifício e o sofrimento de Deus

Quando lemos “pegue o seu filho, seu único filho Isaque, a quem você ama” (Gn 22:2), esta é a primeira vez em que o verbo “amar” ocorre na Bíblia. Deus colocou

16 Semana Santa 2023

Abraão em um conflito de amores: o amor a Deus e o amor ao filho. Naquela terrível prova, Deus permitiu que Abraão experimentasse o que a Divindade sentiria para salvar os seres humanos, porém de maneira inversa. Abraão estava disposto a sacrificar seu filho, por amor a Deus. Deus estaria disposto a sacrificar Seu divino Filho por amor ao mundo pecador.

Quando Abraão levantou a mão com o cutelo para dar o golpe final em seu filho Isaque, um anjo gritou, com urgência: “Abraão! Abraão! [...] Não estenda a mão sobre o menino e não faça nada a ele, pois agora sei que você teme a Deus, porque não me negou seu filho, o seu único filho” (Gn 22:11, 12). Em seguida, Abraão “viu atrás de si um carneiro preso pelos chifres entre os arbustos. Abraão pegou o carneiro e o ofereceu em holocausto, em lugar de seu filho” (v. 13).

O maior teste da vida de Abraão confirmou a aliança que Deus fez com ele, mas foi muito além. Primeiramente, a fala confiante de Abraão adiantou que Deus proveria a vítima para o sacrifício. Sem nada em mãos, nós, seres humanos, não temos como nos salvar. Como Isaque, deveríamos morrer pelos nossos pecados, mas Deus proveu salvação a todo o que crê, por meio do sacrifício de Jesus.

Isaque foi poupado. Abraão o abraçou fortemente. Um alívio indescritível tomou conta de ambos. No entanto, a festa de Abraão pela prova que passou contrastava com a dor de Deus na prova que viria. Como um Pai fiel que ama a humanidade, Deus entregaria Seu Filho amado Jesus aos malfeitores, que zombariam Dele, O feririam e O levariam ao Gólgota. Nas últimas horas, esse Filho imploraria por outra solução, mas, assim como Isaque, aceitaria a vontade do Pai. Jesus Cristo estenderia Seus braços sobre o madeiro assim como Isaque estava amarrado sobre a lenha para o holocausto. Porém, no caso de Jesus, não haveria substituto para Ele. Nenhum anjo gritaria pedindo que parassem. Ele seria morto, sofrendo horrivelmente com os pregos rasgando Sua carne e o pecado rasgando Seu coração.

O Pai contemplaria a cena em profunda tristeza. Os céus se escureceriam, e os anjos cobririam seus olhos em horror. Porém, esse era o único caminho para salvar o mundo. Como Abraão caminhou com Isaque ao Moriá, em Jerusalém, Deus Pai e Deus Filho caminharam juntos na dura trilha do serviço para salvar o mundo em Jerusalém. Com um pensamento, Jesus poderia escapar da cruz. Mas o amor divino foi maior! “Porque Deus amou o mundo tanto, que deu o Seu único Filho, para que todo aquele que Nele crer não morra, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16, NTLH).

Apelo

Não existe maior amor do que esse: o de um Pai que entrega Seu Filho para nos salvar. Jesus foi em frente por você. Ele não desistiu para salvar você, porque Ele e o Pai amam você. Diante desse grande sacrifício, o que falta para você finalmente entregar seu coração a Cristo? O que o impede hoje de entregar sua vida a Jesus? Aceite-O como Senhor e Salvador e inicie uma caminhada de fé com Ele. Seus sacrifícios não adiantam. Ele é o Cordeiro que está faltando em sua vida.

Libertos pelo sangue

Introdução

A jovem Edith Eva Eger, conhecida como “Eddie”, nasceu na Hungria, onde vivia com sua família. Em maio de 1944, ela tinha acabado de completar 16 anos quando foi enviada para o campo de extermínio nazista de Auschwitz, na Polônia, junto com seus pais e sua irmã, Magda. Chegando ao campo, separavam as pessoas que tinham até 15 anos ou mais de 45 para o “banho” – as câmaras de gás – e depois eram incineradas. Os que tinham de 16 a 44 anos deveriam trabalhar até morrer de inanição em semanas ou meses.

Naquele inferno de neve, vazio de qualquer esperança, os soldados nazistas descobriram que Eddie dançava balé, e a levaram para entreter Yosef Mengele, conhecido como o Anjo da Morte, por suas cruéis experiências científicas com os prisioneiros. Aos olhos daquele monstro, Eddie começou a dançar. Como prêmio, Eddie ganhou um pedaço de pão e mais algum tempo de vida.

Finalmente, os Aliados americanos e russos se aproximavam para liberar Auschwitz e outras dezenas de campos de concentração. Então os nazistas forçaram os prisioneiros a caminharem em uma das muitas “marchas da morte”. Os prisioneiros esqueléticos tinham que caminhar dia e noite até outros campos mais próximos da Alemanha, se não morressem pelo caminho, como ocorria com a maioria. Eddie estava entre eles. Não pesava mais do que 27 quilos, e caminhou tanto que desabou no chão, acabando em uma pilha de corpos no campo de Guns kirchen.

Soldados americanos da 71ª infantaria chegaram ao local e encontraram aquela cena terrível. Foi quando um soldado notou dedos se mexendo. Era a mão de Eddie. Logo a retiraram do meio dos cadáveres, cuidaram dela, que milagrosamente sobreviveu. Mais tarde, ela imigrou para os Estados Unidos, estudou e tornou-se uma psicóloga renomada.

Em seu livro *A Liberdade é uma Escolha*, conta como foi fundamental para ela e é para todos nós que nos libertemos de nossas prisões mentais. Ela afirmou, citando a Bíblia: “Podemos atravessar o vale da sombra da morte, mas não precisamos acampar nem construir nossa casa por lá.”

Há 3.500 anos, os israelitas eram escravizados pelo Egito. Construíam sem descanso cidades e monumentos imensos para a glória dos faraós. Sofriam e suspiravam sob fardos insuportáveis. Prostrados pelo cansaço, eram chicoteados e humilhados dia após dia até a morte. Foi então que clamaram a Deus. Imploraram por livramento. Acreditavam que o Senhor levantaria um libertador para levá-los para a terra prometida a Abraão. Aquele era mais um capítulo da história do grande conflito entre o bem e o mal.

I. Precisamos clamar, pois Deus está atento à nossa condição e às nossas orações (Leia Êx 2:23-25)

A morte de um rei trazia esperanças de que a situação poderia melhorar. Contudo, os israelitas não eram considerados parte do povo egípcio, mas escravos, e foram tratados com ainda mais dureza. Eles “gemiam por causa da sua escravidão”, que na língua

18 Semana Santa 2023

original significa “gemiam por causa do seu trabalho” (v. 23). Então, começaram a clamar a Deus. Clamar não é uma oração comum. É uma expressão de ansiedade e angústia diante de Deus. É uma súplica profunda, que envolve questões de vida ou morte.

Você já clamou a Deus? Muitas pessoas não oram, muito menos clamam a Deus. Não imaginam o quanto Ele está atento e quer ajudar. Ele vê nossa situação de desespero e quer nos libertar, mas para isso precisamos permitir e convidá-Lo. Deus não liberta quem se sente confortável na prisão e resiste a deixá-la.

Pouco tempo depois de ser liberto, o povo de Israel sentiu saudades do Egito. Os israelitas se queixaram a Moisés, lembrando-se das panelas cheias de carne, dos peixes, melões e alhos que tinham no Egito (Êx 16:3; Nm 11:5). Não tinham liberdade, mas tinham comida. Uma vida longe de Deus, na escravidão do pecado, tem suas aparentes compensações. Alguma comida, alguma atenção, alguma sensação agradável, algum minuto de descanso, algum dinheiro, algum prazer. Mas não passam de migalhas que dão uma ilusão de conforto em meio à total escravidão!

Somos escravos do pecado (Rm 6:6). Um escravo não tem direito de escolher. Só pode fazer o que seu senhor lhe ordena. Algumas vezes fazemos o que não queremos. Isso nos torna miseráveis sem qualquer esperança de salvação (Rm 6:19-25).

A boa notícia é que “todo aquele que invocar o nome do SENHOR será salvo” (Jl 2:32; Rm 10:13). “Se com a boca você confessar Jesus como Senhor e em seu coração crer que Deus O ressuscitou dentre os mortos, você será salvo” (Rm 10:9). Não importa o tamanho do seu pecado, quão preso você esteja a ele, Deus é capaz de libertá-lo. Basta invocar Seu nome, clamar a Ele. Não importa sua idade, você pode recomeçar!

Deus chamou Moisés para libertar Seu povo porque Ele tinha ouvido o clamor de Israel (Êx 3; 4). Moisés relatou, mas por fim aceitou a missão, com a promessa de que Deus o ajudaria a realizar grandes sinais e levar juízos ao Egito, a fim de salvar os israelitas daquela situação. Com um humilde cajado na mão, Moisés libertaria o povo da nação mais poderosa da Terra.

II. Somos libertos a preço de sangue

O rei não iria libertar o povo pacificamente. Ele riu de Moisés e de seu irmão, Arão. Zombou de Deus, dizendo: “Quem é o SENHOR para que eu ouça a Sua voz e deixe Israel ir? Não conheço o SENHOR e não deixarei Israel ir” (Êx 5:2). Também aumentou o trabalho dos israelitas, fazendo-os se aborrecerem com Moisés (Êx 5:6-21). Foi então que Deus disse para Moisés realizar os sinais que terminariam forçando o Egito a libertar os israelitas.

A cada anúncio ao faraó e pedido para libertar os israelitas, as pragas caíram sobre os egípcios – as águas se transformaram em sangue, milhões de rãs invadiram as casas, piolhos atormentaram as pessoas. O faraó ouvia os pedidos de Moisés, prometia mudar, mas logo voltava à sua dureza de coração. Uma praga seguiu-se após a outra – moscas, peste nos animais, úlceras, uma chuva de pedras, gafanhotos e trevas que devastaram e aterrorizaram o país. Porém, a décima praga seria a pior: a morte dos primogênitos, anunciada desde o início (Êx 4:23; 11:1).

Foi naquele momento que Deus instituiu a Páscoa. No dia 10 do primeiro mês do ano, deveriam reservar um cordeiro de até um ano de idade para matá-lo e

comê-lo ao pôr do sol do dia 14. Deveriam pegar um pouco do sangue e passá-lo sobre as duas ombreiras das portas. Tinha que comer a carne assada no forno, com pães sem fermento e ervas amargas (Êx 12:6-8) na noite anterior à saída do Egito.

“É a Páscoa do SENHOR. Porque, naquela noite, passarei pela terra do Egito e matarei na terra do Egito todos os primogênitos, tanto das pessoas como dos animais, e executarei juízo sobre todos os deuses do Egito. Eu sou o SENHOR. O sangue será um sinal para indicar as casas em que vocês se encontram. Quando Eu vir o sangue, passarei por vocês, e não haverá entre vocês praga destruidora, quando Eu ferir a terra do Egito” (Êx 12:11-14).

A palavra “páscoa” (*pesach*) vem do verbo hebraico *pasach*, que significa “passar por cima”, e todo aquele ritual tinha um significado profundo. Sangue significa vida (Lv 17:11). Como não tinham altares nem templos no Egito, suas casas foram consagradas como verdadeiros altares para salvar as famílias. Deus espera que o mesmo ocorra em nossos lares. Que cada um seja marcado pelo sangue do Cordeiro.

O cordeiro não deveria ser somente morto, mas comido. Como Cristo disse, devemos comer Sua carne e beber Seu sangue para sermos salvos (Jo 6:53, 54, 63). Isso significa aceitar profundamente, abraçar o sacrifício de Jesus, receber de coração a salvação que Ele oferece. “Não basta crer em Cristo; devemos pela fé receber constantemente força e nutrição espiritual Dele, mediante Sua Palavra” (Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, 2022, p. 231).

As ervas amargas representavam a amargura do cativo, pois os egípcios “lhes amargaram a vida com dura servidão” (Êx 1:14). Para receber o sacrifício de Jesus em nosso favor, devemos ter consciência da amargura da prisão do pecado. O fermento também devia ser eliminado, representando o afastamento da maldade e da malícia (1Co 5:7, 8).

Os israelitas e muitos egípcios que temiam a Deus obedeceram às ordens divinas. Ao pôr do sol, milhares de animais foram sacrificados, e seu sangue foi passado nas portas. À meia-noite, milhares de primogênitos dos egípcios – humanos e animais – perderam a vida em todo o reino (Êx 12:29).

Aquele foi o golpe mais duro. As primeiras nove pragas haviam atingido a fé nos deuses do Egito: o rio, as rãs, os animais, entre outras coisas que adoravam. A décima foi uma grande demonstração de soberania, um juízo executado sobre todos os deuses do Egito: Apis, o deus touro, e também “as ovelhas, consagradas ao Knef, os bodes consagrados para Khem, as vacas para Ator”, entre outros (H. D. M. Spence-Jones, org., *Exodus*, The Pulpit Commentary, v. 1, p. 260). Em cada praga, Deus demonstrou Seu poder sobre a criação, mas faraó e os egípcios não se arrependeram.

A praga atingiu o que lhes era mais precioso: os filhos. Como haviam massacrado os bebês israelitas, escravizado e matado os filhos de Abraão, Deus estava trazendo um juízo terrível, mas ao mesmo tempo provendo uma forma de escaparem da morte.

Por outro lado, os israelitas devem ter se surpreendido ao saber que também estavam em risco. Nas pragas anteriores, Deus fez distinção entre os israelitas e os egípcios, mas, na última praga, as casas dos israelitas também seriam visitadas. Talvez durante as primeiras pragas pudessem achar que fossem mais santos ou justos que os egípcios, mas a décima praga demonstrou que eles

20 Semana Santa 2023

eram tão pecadores quanto os egípcios e que mereciam igualmente morrer. Se Deus não tivesse provido um meio para sua salvação, eles também pereceriam. Haviam rejeitado a palavra de Moisés, assim como faraó (Êx 5:21). Também adoravam os ídolos egípcios (Js 24:14). Eram pecadores por natureza e mereciam a morte, como qualquer outro (Rm 3:9) (P. Ryken e R. Hughes, *Exodus: Saved for God's Glory*, 2005, p. 326).

Somente a presença do sangue os livraria da morte. Se tivessem fé no sangue do cordeiro e o passassem nos batentes de suas portas, poderiam viver. Assim, precisamos lembrar que “nunca veremos nossa necessidade de salvação até que aceitemos que somos pecadores como qualquer um é” (Ryken e Hughes, *Exodus*, p. 326).

Todos estamos sujeitos à morte. O túmulo é uma das únicas certezas desta vida (1Rs 2:2). Nossos pecados nos condenam e devem ser pagos para que nos aproximemos de Deus. Sem sangue, não há remissão (Hb 9:22). Precisamos de um Cordeiro – Jesus, “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1:29), cujo sangue nos resgata da morte eterna (1Pe 1:18, 19)!

É preciso ter fé no meio que Deus proveu para nos salvar. “Se os israelitas tivessem desrespeitado em qualquer detalhe as instruções dadas a eles; se tivessem negligenciado separar seus filhos dos egípcios; se tivessem matado o cordeiro mas deixado de aspergir o sangue nos batentes; ou se alguém tivesse saído de casa, não teriam estado livres de perigo” (White, *Patriarcas e Profetas*, p. 232).

Deveriam seguir o plano de Deus para a vida deles e ser salvos conforme as instruções divinas. Por outro lado, “quanto à salvação, Deus dá o que Deus requiere. Assim, vez após vez, através da história da redenção, Deus tem provido um cordeiro ou outro animal sacrificial para salvar Seu povo” (Ryken e Hughes, *Exodus*, p. 329). Foi assim com Abraão e Isaque, foi assim com Israel e é assim conosco.

“Cristo, nosso cordeiro pascal, foi sacrificado” (1Co 5:7). À semelhança de um cordeiro inocente e sem defeito, sem nenhum pecado por nascimento ou por ações, Jesus foi sacrificado por nós. Também precisamos confiar nos meios que Deus oferece para nos salvar. Somos salvos pelo meio que Ele provê. Como o apóstolo Pedro disse, “e não há salvação em nenhum outro, porque debaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (At 4:12).

Apelo

Ao olhar para as pessoas em um centro lotado, parece que são escravas de alguma coisa, não é? Para que trabalham? Para que vivem? Olhando para sua vida, qual é o propósito dela? Sem Deus, somos escravos do grande Egito do pecado. Somos prisioneiros levados para os campos de morte. Nossos dias estão contados, e não temos esperança de eternidade sem Ele. Clame por libertação. Clame por sua redenção. Deus quer hoje dar a você o perdão e a paz que só Ele tem a oferecer. Não deixe para depois. Abra seu coração a Jesus agora e permita que Ele seja o Senhor e Salvador de sua vida.

Um novo começo

Introdução

Recomeçar exige coragem. O começo carrega em si uma empolgação pelo que vai acontecer, tem o brilho e o frescor da manhã. Já o recomeço acontece a partir de algo que se perdeu. Exige acreditar de novo, se levantar do chão quando já não é tão cedo. Não é natural recomeçar. É preciso buscar forças para seguir em frente de novo. Você está tentando recomeçar em alguma área de sua vida? Talvez precise recomeçar diante do fim de um relacionamento, de uma mudança de carreira, da luta pela sobrevivência, de uma queda espiritual, da perda de um ente querido, de um diagnóstico médico. Todos precisamos recomeçar espiritualmente.

Recomeçar exige coragem. O termo “coragem” vem do latim *coraticum*, que é a junção de duas palavras: *cor*, que nesse caso significa “coração”, e *actium*, “ação”. É a ação que vem a partir do coração, a capacidade de enfrentar um desafio externo com uma motivação interna. E isso fica mais belo quando Deus trabalha dentro de nós para enfrentarmos os desafios. Maravilhoso, não é? Coragem é a habilidade de enfrentar os medos, o perigo, a incerteza. É ter audácia, intrepidez, fé e confiança.

Na saga do grande conflito entre o bem e o mal, o pecado infelizmente encontrou lugar neste mundo e em nosso coração. Tudo o que era perfeito e belo se manchou. Surgiram as doenças, a morte, a malícia e as guerras. Até mesmo a história do povo de Deus foi marcada por muitas quedas e decepções. Mas Deus não desistiu de nós. Ele não perdeu a paciência ao longo do processo, assim como Ele não desiste de você e de mim hoje.

Deus trouxe um novo começo com Jesus Cristo. O impacto da vinda de Cristo foi tamanho que Ele “zerou” a história. A contagem dos anos voltou ao começo. Foi uma nova chance ao mundo. Hoje vamos refletir sobre a encarnação de Cristo, Sua primeira vinda ao mundo, que definitivamente virou o jogo do grande conflito. Vamos refletir sobre o Bebê na manjedoura.

I. A manjedoura revelou quem Deus é (Leia Jo 1:1-3; Lc 2:7)

Nos tempos bíblicos, a manjedoura era o cocho, um tronco oco onde os animais bebiam água ou onde se põe a forragem para alimentá-los. Ainda hoje, a manjedoura é “um tabuleiro em que se põe comida para os animais nas estrebarias” (*Dicionário Aurélio – Século XIX*). A Bíblia fala muito mais da cruz do que da manjedoura. Sim, é a morte de Cristo na cruz que nos salva. Mas é importante lembrar que, sem a manjedoura, não haveria cruz. Conhecemos a manjedoura dos presépios, das praças, teatros e filmes. Mas será que conhecemos a manjedoura de Cristo?

Pensar na manjedoura é algo extremamente desafiador, pois é uma história simples e escassa em detalhes. Apenas Mateus e Lucas falam do nascimento de Jesus, e a manjedoura só restou para Lucas. A segunda razão por que é difícil falar da manjedoura é por ser uma cena infinitamente profunda sobre Deus por um lado Se restringindo, mas por outro Se revelando em carne para nos salvar. “A história de Belém é inesgotável” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 2021, p. 29).

22 Semana Santa 2023

A manjedoura revela quem Deus é. O Senhor tem uma aparência gloriosa. Alguns profetas tiveram visões sobre a aparência de Deus. João descreveu Jesus no Céu com olhos como chamas de fogo, e o Seu rosto brilhava como o sol na sua força (Ap 1:14-16). Depois dessa visão, o apóstolo caiu no chão, mas Jesus o acalmou (v. 17). Deus Pai também foi visto em Sua aparência gloriosa, em Seu trono (Is 6).

O início do evangelho de João, conhecido como prólogo (ou introdução), tem um foco teológico e apresenta a divindade de Jesus. Aponta não somente para o futuro, o que Cristo iria fazer, mas para o passado, o que Ele fez e quem Ele é (J. Martin C. Scott, “John”, em *Eerdmans Commentary on the Bible*, ed. James D. G. Dunn e John W. Rogerson, 2003, p. 1162). Jesus é chamado de Verbo ou Palavra de Deus (Jo 1:1), que “falou, e tudo se fez”, “ordenou, e tudo passou a existir” (Sl 33:9). “Sem Ele, nada do que foi feito se fez” (Jo 1:3). Por meio Dele, tudo foi criado e continua existindo (Cl 1:13-17). Ele é “a expressão exata” do ser divino e “sustenta todas as coisas pela Sua palavra poderosa” (Hb 11:1-3).

Em João 1:14, a Bíblia diz: “E o Verbo Se fez carne e habitou entre nós”. O termo usado para “habitar” significa “habitar em uma tenda”, “acampar”. Ele também ocorre no livro do Apocalipse, quando o apóstolo João falou que Deus vai morar (fazer Sua tenda) entre Seu povo (Ap 21:3) e estender Seu tabernáculo sobre Seus filhos em meio às perseguições (Ap 7:15), ou seja, cuidar deles.

João 1:14 é o ponto mais alto do prólogo (ou da introdução) desse evangelho. Nesse verso, “a Palavra, o Agente da Criação, Se tornou criatura. Aquele que trouxe o Universo à existência nasceu dentro do Universo como um ser humano” (Rodney A. Whitacre, *John*, The IVP New Testament Commentary Series, 1999, v. 4, p. 58).

Como se diz em uma oração das igrejas cristãs orientais, “vemos os oradores mais eloquentes sem voz, semelhantes a peixes, quando devem falar de Ti, ó Jesus nosso Salvador. Pois está além do poder deles dizer como Tu és homem perfeito e Deus imutável ao mesmo tempo” (Whitacre, *John*, p. 58).

Se em João 1:1 o apóstolo afirmou a divindade de Jesus, no verso 14 afirmou Sua humanidade. “Cristo é divino no sentido absoluto e irrestrito da palavra; também é humano no mesmo sentido, exceto pelo fato de que ‘não conheceu pecado’ (1Co 5:21)” (Francis D. Nichol, ed., *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*, 2013, v. 5, p. 993). “Nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade” (Cl 2:9). Ele é 100% Deus e 100% homem, nascido, mas sem origem. Ele não tem vida, Ele é vida (Jo 11:25; 14:6).

Jesus Se fez humano para estar perto de nós. Gostamos de estar perto de quem amamos. Não é possível amar e não querer estar perto. Assim, por muito nos amar, Jesus, em harmonia com o Pai e o Espírito, decidiu Se encarnar, humanizar, para chegar perto de nós. Cristo é Emanuel, “Deus conosco” (Mt 1:23; Is 9:6).

Ao Se tornar humano, Jesus Se aproximou mais do que nunca de nós. Ele veio conhecer nossas lutas e dores. Experimentou as necessidades pelas quais passamos. Ao mesmo tempo, nos revelou a glória de Deus. Os apóstolos viram “a Sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1:14). E, como uma amostra de quem Ele é, Jesus Se transfigurou diante de Pedro, Tiago e João (Lc 9:28-36). No evangelho de João, “glória” também tem que ver com os milagres de Jesus, Seu ministério e Sua paixão (Scott, “John”, p. 1162). Como Filho de Deus, manifestou a honra, o brilho e o esplendor de Deus Pai.

Cristo disse: “Quem vê a Mim vê o Pai” (Jo 14:9). Falando assim ainda na condição humana, Ele nos ensinou a admirar e amar a Deus pelo que Ele é, não pelo poder que tem. Isso também nos dá a condição de amá-Lo plenamente. Afinal, só podemos amar alguém que conhecemos. Nossa relação com Deus não deve ficar só entre pedir e agradecer, preces e milagres. Deve evoluir para um relacionamento vivo, numa caminhada com Deus, no abrir do coração como para um amigo (Ellen G. White, *Caminho a Cristo*, 2020, p. 93).

Cristo é uma fonte inesgotável de boas-notícias, muitos evangelhos em um só. Ao contemplá-Lo, lembramos que Deus é poderoso, mas também que é amoroso. E Ele teve a coragem de enfrentar tudo por nós para nos dar um novo começo.

II. A manjedoura revela quem nós somos

A manjedoura e a encarnação não aconteceram apenas para render uma boa foto nas “redes sociais” do Universo. Não foi golpe de marketing cósmico. Ela foi autêntica: revelou a humildade divina, o coração de Deus. No entanto, a encarnação de Cristo também revela quem somos. Em primeiro lugar, mostra nossa culpa. Foi por nossa culpa que Cristo teve que descer ao lamaçal do pecado. Foi uma infinita humilhação para Jesus assumir nossa natureza humana. E Ele fez isso porque erramos. Veio assumir nossa dívida impagável.

Ao mesmo tempo, a encarnação revela nossa condição carnal. Desejamos as obras da carne, “imoralidade sexual, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçarias, inimizades, rixas, ciúmes, iras, discórdias, divisões, facções, invejas, bebedeiras, orgias” (Gl 5:19-21). Assim, ao comparar nossas ações e nossos pensamentos com a vida e os pensamentos de Cristo, ficamos constrangidos, envergonhados de nós mesmos (2Co 5:14). Sendo Rei, Ele Se agachava para brincar com as crianças. Amava os pobres e os ricos, os doentes, as pessoas com deficiência, os doutores, os pecadores e até mesmo os corruptos e odiosos publicanos. Não Se exaltava nem humilhava os outros. Era manso e firme. Sua personalidade era perfeita. Com Sua pureza, conseguia unir indivíduos dos grupos mais diferentes em torno da missão de salvar pessoas para o reino de Deus.

Muito além de revelar coisas negativas sobre nós, a encarnação de Jesus revela nosso valor diante de Deus. Jesus nasceu aqui para nos salvar. Ele nos amou até o fim (Jo 13:1). Deu tudo o que tinha – Sua glória, a adoração dos anjos, Sua dignidade – para que a carne que Ele havia assumido fosse humilhada, ferida e morta em nosso favor.

De uma coisa podemos estar certos: não dá para ficarmos neutros diante de Jesus. Só há duas reações. A primeira é recebê-Lo como Senhor e adorá-Lo. Os pastores visitaram Jesus na manjedoura (Lc 2:15, 16). Os magos O encontraram em uma casa e O adoraram (Mt 2:11). Outros foram avisados, mas responderam com indiferença e até mesmo violência contra os bebês de Belém (Mt 2:16-18). A manjedoura desperta em nós uma resposta. Podemos amar Jesus por Sua humildade ou rejeitá-Lo por Sua humildade. Podemos amá-Lo por Sua pureza ou rejeitá-Lo por Sua pureza. Tudo depende de uma decisão. Por mais diferentes que sejamos de Jesus, o maior e mais sublime alvo de nossa vida deve ser caminhar com Ele, aprender Dele, ser como Ele pela convivência, ao contemplá-Lo todos os dias.

III. A manjedoura revela como Deus nos salva

1. *Cristo nos salva sem ajuda humana.* O nascimento de Jesus foi obra divina. Ele foi concebido pelo poder do Espírito Santo. A ida de José e Maria para Belém, os magos guiados por uma estrela, o coral dos anjos, foram ações de Deus. O luxo e a aparência humana não poderiam dividir espaço com a glória de Deus naquele nascimento. Isso encerra uma grande lição (leia Ef 2:9).

2. *Cristo nos salva com uma doação.* Na natureza e no Universo, tudo foi feito para servir, doando algo. Esse é um elemento essencial do caráter divino. Deus amou tanto o mundo que deu Seu Filho (Jo 3:16). Em meio a uma guerra sangrenta, foi posto um berço em nome da paz na Terra (Lc 2:14).

3. *Cristo salva pelo sacrifício.* Um bebê deitado em um cocho para os animais não é uma cena tão amável assim. Não é em um lugar como esse que costumamos pôr nossos bebês. Jesus foi colocado ali porque não havia lugar para sua família. Ele nasceu em um lugar completamente impróprio. Desde antes de nascer, Cristo enfrentou resistência dos pecadores (Hb 12:3). A cena incomum da manjedoura apontava para a cena impensável do Calvário. O nascimento de Cristo ocorreu na “plenitude dos tempos” (Gl 4:4), e Sua morte, na “hora” para a qual Ele veio (Jo 12:27). Diversas vezes tentaram antecipar Sua morte, mesmo nos primeiros dias de vida. Mas ninguém poderia tirá-la assim (Jo 10:18). A manjedoura foi o primeiro passo para o Calvário. Cristo teria que padecer, não um sofrimento que salva, mas um sacrifício que exige sofrimento.

4. *Cristo nos salva pela expiação.* Desde o começo de Sua vida, Jesus trocou o que Ele tinha conosco. Entrou em nosso estábulo na Terra para que adentremos Seu palácio no Céu. Assumiu nossa humanidade para que, por Sua divindade, alcancemos o abraço do Pai. Ele Se tornou pobre para que ficássemos ricos (2Co 8:9).

5. *Cristo salva elevando a criação.* Antes do pecado, o Universo não sabia do que Deus era capaz de fazer. Ninguém imaginava que Ele seria capaz de Se desfazer de tudo e Se mostrar como é. Ninguém imaginava que o Filho de Deus nasceria em um recinto para animais. Ficou claro que Deus é puro amor e humildade. Os seres do Universo sempre terão certeza plena do amor divino. Além disso, o recomeço vai ser maior do que a queda, pois o ser humano vai ser posto em uma posição maior do que a que tinha. Na criação, Deus fez o ser humano à Sua imagem; na redenção, Deus “nasceu” à nossa imagem. Nossa raça foi elevada com a participação de Jesus. A Terra, o palco da manjedoura, se tornará o centro do governo do Universo. O ser humano, a Terra e o Universo nasceram de novo naquela manjedoura.

Apelo

É hora de recomeçar. O nascimento de Jesus foi o grande recomeço da humanidade, mas Deus chama você hoje a renascer. Ao contemplar o amor e o espírito de sacrifício de Cristo, abra seu coração a Ele, permita que Ele seja o Senhor de sua vida. Mesmo que seu coração seja tão impróprio como uma estrebaria para a presença de Jesus, permita que Ele nasça em você. Caminhando com Cristo, sua vida será uma bênção!

Vitória no madeiro

Introdução

A imagem da cruz desperta as mais diversas reações. Cruzes povoam a paisagem triste dos cemitérios e lembram as piores perseguições religiosas. Cruzes se destacam em obras de arte e figuram nas marcas de automóveis. Pensando em Jesus e Sua morte, a imagem tão comum da cruz nunca transmitiu uma mensagem entendida da mesma forma por todos, ou, no mínimo, pela maioria. Ainda hoje é assim. Na cultura popular, a cruz se transformou em um símbolo de morte e de terror. Pensando apenas no símbolo, a cruz sempre despertou acusações filosóficas de loucura e escândalo, aclamações religiosas de gratidão e louvor. Afinal, como um instrumento de tortura pôde se transformar em vitória e salvação?

A cruz foi o ponto culminante e decisivo do grande conflito entre o bem o mal. Foi a prova definitiva pela qual Jesus teria que passar em favor da raça humana. Se Ele falhasse no último segundo, tudo estaria perdido para sempre. Mesmo sendo detentor de todo o poder no Céu e na Terra, Jesus tinha que suportar toda a dor do Calvário para cumprir Sua missão.

O preço de nossa redenção exigia apenas o derramamento do sangue de Cristo para a remissão de pecados. O caminho que Ele trilhou não foi apenas o da morte, mas o de inominável dor, de uma angústia sem medida. Usada pelos povos antigos, a cruz era um instrumento desenhado para causar a morte mais dolorosa, lenta, cruel e vergonhosa possível. Era reservada apenas aos piores criminosos. Para Cícero, orador romano que viveu entre 106 e 43 a.C., crucificar um cidadão romano “é crime, chicoteá-lo é abominação [...], crucificá-lo é – o quê? Não há palavras que possam descrever ato tão horrível” (*Against Verres*, II. V. 64, parágrafo 165, citado por John Stott, *A Cruz de Cristo*, 1991, p. 18).

Frederick T. Zugibe, médico legista e investigador criminal, se dedicou a estudar anatomicamente os efeitos da crucificação sobre o corpo de Jesus. Após décadas de pesquisas e experiências científicas, seu livro de 456 páginas dá uma ideia mais clara da brutalidade que a crucificação representou. Ela era um método de tortura comum desde o século 6 a.C. Entre os romanos, era uma punição comum para os inimigos do império e para os cidadãos traidores.

Cerca de 500 judeus eram crucificados por dia durante o cerco a Jerusalém em torno do ano 70 d.C. Faltavam espaço e árvores para fazer mais cruzes (Simon Sebag Montefiore, *Jerusalem: The Biography*, 2011, p. 3, 4, 7, 8). Os soldados costumavam pregar “as vítimas em diferentes posições por mera diversão”. O filósofo romano Sêneca, contemporâneo de Jesus, viu cruzes diferentes umas das outras. Ele afirmou: “Algumas têm suas vítimas com a cabeça batendo no chão. Outras empalam suas partes íntimas e outras mantêm os braços do condenado esticados no *patibulum* [a parte horizontal]” (Zugibe, *A Crucificação de Jesus*, 2014, p. 71, 72).

Geralmente, um grupo de cinco soldados realizava o trabalho de forma profissional. O *exacto mortis* (“condutor da morte”) liderava um grupo que escoltava o prisioneiro até o local de execução, geralmente próximo a túmulos e valas.

Ele tinha que assegurar que o condenado não morresse antes da hora. Foi por isso que, ao Jesus cair sob o peso do *patibulum* (a parte horizontal e móvel da cruz), Simão de Cirene foi obrigado pelo soldado a carregar a cruz. Após uma noite de julgamentos ilegais, espancamentos e humilhações, Jesus foi açoitado com o chicote (*flagrum*) romano, que tinha pontas de metal e ossos, criando sulcos nos músculos das costas, afetando Seus ossos e órgãos internos.

Segundo Zugibe, Cristo já havia perdido muito sangue e Se desidratava rapidamente sob o sol forte. “A exaustão foi acompanhada pela falta de ar, pelo fluido pleural que estava lentamente se acumulando em Seus pulmões.” Uma dor extrema “da neuralgia do trigêmeo irradiava-se por Seu rosto e couro cabeludo toda vez que tropeçava e caía, e sofreu fortes dores em todos os Seus músculos e juntas”. Ao chegar ao local da crucifixão, os soldados lançaram sortes e arrancaram com força Sua túnica grudada às feridas do corpo, “causando surtos de dor pelo corpo de Jesus” (Zugibe, *A Crucificação de Jesus*, p. 68, 69).

Em geral, as cruzes tinham apenas dois metros de altura, para facilitar a colocação e retirada dos prisioneiros. Cruzes mais altas eram reservadas para criminosos especiais. Utilizavam pregos enferrujados de cerca de 12 centímetros. Os pés não tinham um apoio, como algumas pinturas descrevem. Eles eram pregados no “peito do pé”, rentes à coluna da cruz, e os joelhos permaneciam o tempo todo flexionados, deixando a vítima em uma condição de contínuo esforço e fadiga muscular, tentando se equilibrar, respirar e controlar a dor dos cravos nas mãos e nos pés.

Normalmente, os condenados eram pendurados sem roupa sobre a cruz, expostos à mais degradante humilhação. Os cravos geravam uma dor extrema, ao esgarçar tecidos sensíveis. Bastava uma suave brisa, a luz solar ou qualquer movimento para causar “dores queimantes, contínuas e lancinantes”, segundo Zugibe. “Depois de um curto período na cruz, as fortes câibras, o adormecimento e o esfriamento da panturrilha e das coxas, causado pela compressão devida à flexão dos joelhos, teriam forçado Jesus a arquear Seu corpo [pondo a barriga para a frente e o pescoço para trás], numa tentativa de esticar as pernas” (Zugibe, *A Crucificação de Jesus*, p. 127).

Esses relances dolorosos revelam que temos apenas uma vaga ideia do sofrimento de Jesus. Para uma geração acostumada a confortos e prazeres, uma dor assim está além da imaginação. Porém, o sacrifício de Cristo não envolvia apenas uma cortante dor física, mas uma dor espiritual.

I. Jesus Se fez maldição para nos salvar

Na mentalidade bíblica, se alguém morria pendurado em um madeiro, era por ser um maldito de Deus. Os réus de morte pendurados no madeiro não deveriam permanecer suspensos até o pôr do sol, pois mantê-los contaminaria a terra (Dt 21:23). “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se Ele próprio maldição em nosso lugar” (Gl 3:13; ver 2Co 5:21). Na cruz Jesus não sofreu pelas maldições, foi feito maldição. Não morreu como pecador, mas como pecado.

Os pecados de todos os seres humanos de todas as épocas foram colocados sobre Cristo. Nesse processo, o Pai, com quem Jesus tinha uma profunda ligação

desde a eternidade, teve que Se afastar. Isso provocou uma angústia infinita em Jesus. Isso O levou a clamar: “Deus Meu, Deus Meu, por que Me desamparaste?” (Mt 27:46). Uma escuridão sobrenatural envolvia o corpo de Jesus, ocultando a presença de Deus e dos anjos, mas Jesus não a podia sentir. Ele estava bebendo sozinho do cálice da ira contra os pecados do mundo, um cálice que Ele pediu ao Pai que Lhe fosse poupado (Mt 26:39). Isaque, filho de Abraão, foi poupado, mas Jesus, o Filho de Deus, não.

Jesus Se identificou com o pecado a tal ponto que imaginou que o Pai O estava rejeitando para sempre. “O afastamento do rosto divino, nessa hora de suprema angústia, penetrou em Seu coração com uma dor que nunca poderá ser compreendida pelo ser humano. Essa agonia era tão grande que Ele mal sentia a dor física. [...] O Salvador não podia enxergar além do sepulcro. [...] Temia que o pecado fosse tão ofensivo a Deus que Sua separação tivesse de ser eterna. [...] Foi a sensação do pecado trazendo a ira divina sobre Ele, como substituto do homem, que tornou tão amargo o cálice que bebeu e rompeu o coração do Filho de Deus” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 2021, p. 605, 606). Mesmo sem ver uma porta de saída, Ele não desistiu e fez isso por nós.

“E assim como Moisés levantou a serpente no deserto, assim também é necessário que o Filho do Homem seja levantado, para que todo o que Nele crê tenha a vida eterna” (Jo 3:14, 15). Quando os israelitas peregrinavam no deserto, murmuraram, e por isso foram mordidos por serpentes venenosas. Deus ordenou que Moisés pendurasse uma serpente de bronze para que as pessoas simplesmente olhassem para ela e fossem salvas no ato de contemplá-la (Nm 21:4-9). Da mesma forma, basta olhar pela fé para o Homem cravado na cruz, amaldiçoado, feito pecado, para obter a salvação. Basta confiar no sacrifício que Ele realizou.

No caminho até o Calvário, Jesus sofreu o ataque mortal da serpente satânica. Ele foi ferido pelo inimigo, que fez com que Ele sofresse ao máximo para que desistisse de nos salvar. Por outro lado, pela primeira vez Satanás O teve em Suas mãos. Como um pecador, não pôde conter sua vontade incontrolável de torturá-Lo e matá-Lo, por mais que soubesse que isso prejudicaria a si mesmo. O pecado é assim: sempre leva à autodestruição, por mais ilógico que pareça.

A promessa que Deus fez a Adão e Eva no Éden (Gn 3:15) estava se cumprindo. Eles descobriram o mal em uma árvore. Em um pedaço de árvore, Jesus entregava Sua vida. Se, no paraíso, a serpente falou da árvore, trazendo destruição, o ato salvador de Cristo do alto do madeiro trouxe redenção. Em Romanos 5, o apóstolo Paulo apresenta a Cristo como o segundo Adão, que acertou onde o primeiro falhou. Por um homem, Adão, o pecado entrou no mundo, e o pecado “passou a toda a humanidade” (v. 12). Semelhantemente, “por um só homem”, “muito mais a graça de Deus” prevaleceu (v. 15). “Onde aumentou o pecado, aumentou muito mais ainda a graça” (v. 20).

Não podemos ficar indiferentes diante de tão imenso amor por nós. Não podemos pensar que esse sacrifício tão poderoso não possa cobrir nossos pecados, por piores que sejam. Precisamos lançar nossa fé no Homem que foi pendurado sobre o madeiro, o Cristo crucificado, e receber Dele vida e salvação. Seu sangue é capaz de perdoar pecados, transformar o caráter, renovar a família,

nos tornar pessoas melhores e mais felizes. Por meio de Sua graça, podemos encontrar um novo motivo para existir!

II. Jesus satisfaz a justiça divina

A cruz também revela a malignidade do pecado. Uma das melhores definições de pecado é “transgressão da lei” (1Jo 3:4). A lei de Deus deriva de Seu caráter e é um princípio tão eterno quanto o ser de Deus. A conexão de Deus com a lei é de identidade, é a expressão de Seu ser moral (Stott, *A Cruz de Cristo*, p. 106). Se Deus é amor (1Jo 4:8), a lei se resume no amor (Mt 22:37-39), pois ela deriva do caráter divino. Ao pecarmos, transgredimos a eterna lei divina, gerando uma culpa tão eterna quanto o caráter de Deus que a origina.

É por isso que nenhum anjo, por mais exaltado que fosse, poderia morrer por nós. Anjos não são divinos nem eternos. Sua vida não seria suficiente para pagar um preço eterno. Cristo é diferente. Ele não tem vida; Ele é Vida (Jo 11:25; 14:6). Assim, a Divindade não enviou um ser criado para morrer pelos nossos pecados, não terceirizou Sua obra da redenção. Ela Se deu a Si mesma em Cristo. De certa forma, “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo” (2Co 5:19). Em Cristo, Deus pagou para Si mesmo o preço eterno do resgate. Ele satisfaz a própria santidade.

Somente Deus teria condições de pagar o preço de nossa redenção; porém, somente o ser humano deveria fazer isso, o que era impossível. Como Anselmo da Cantuária afirmou quase mil anos atrás, “não há ninguém [...] que *pode* trazer satisfação a não ser o próprio Deus [...]. Mas ninguém *deve* fazê-lo a não ser o homem” (Stott, *A Cruz de Cristo*, p. 107). Felizmente, Jesus é divino e humano. Nessa condição única, Ele derramou Seu sangue eterno para pagar como homem o preço da nossa eterna redenção. A salvação vem unicamente Dele. Não está nas mãos de nenhum ser humano, igreja, religião, espírito, mágica, pastor, padre, guru, filosofia ou ideologia política prover salvação. A salvação vem unicamente de Cristo.

“Em Sua humilhação, Cristo estava sendo glorificado. *Aquele que, a todos os outros olhos, parecia vencido era o Vencedor.* Foi reconhecido como Aquele que levou sobre Si os pecados. Os homens podiam dominar Seu corpo humano. Podiam ferir a santa frente com a coroa de espinhos. Podiam tirar Suas vestes e discutir sobre a divisão delas. Mas não podiam impedi-Lo de perdoar pecados. [...] É Seu direito como Rei salvar completamente a todos os que se aproximam de Deus por meio Dele” (White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 603, 604, *itálicos acrescentados*).

A cruz foi a peça com que Jesus consertou o mundo quebrado pelo pecado. Porém, não foi algo fácil para Ele. Cristo sofreu ao som de zombarias e desafios para descer da cruz e Se salvar. Foi cuspidor, despido, surrado e torturado. Poderia pôr um fim a tudo aquilo a qualquer instante e reverter a cena, com justiça. Ele não desistiu, mas resistiu pacientemente até o último espasmo da musculatura, até última gota de sangue, até o último suspiro doloroso. Consciente do cumprimento de Sua missão, bradou: “Está consumado!” (Jo 19:30). Ele venceu!

Apelo

Jesus não desistiu de você. Qual será sua resposta a esse grande sacrifício? Hoje Cristo o chama. Abraça agora o Salvador e não O abandone nunca mais.

Consolados pela Palavra

Introdução

O coração de milhões de fãs ao redor do mundo se chocou a 216 km por hora contra o muro da curva Tamburello, no Grande Prêmio de San Marino de Fórmula 1, em 1º de maio de 1994. Intermináveis dois minutos e meio depois, chegavam os paramédicos para atender o tricampeão Ayrton Senna. Imagens aéreas não davam conta da gravidade das lesões. Após alguns momentos críticos de atendimento na pista, um helicóptero o levou ainda com vida para o Hospital Maggiore, a 15 minutos dali, em Bolonha. Senna foi atendido em coma profundo, com múltiplas fraturas no crânio e uma perfuração gravíssima na têmpora.

Trinta e sete minutos após o acidente, a corrida recomeçou, e os carros passaram 54 vezes ao lado da enorme poça de sangue, em um evento infame que, por vários motivos legais, jamais deveria ter prosseguido. Na sexta-feira, Rubens Barrichello voou a 300 km por hora para a morte, mas sobreviveu. No dia seguinte, o piloto austríaco Roland Ratzenberger perdeu o controle do carro e se chocou fatalmente contra um muro. Naquele dia, Senna interrompeu sua participação nos treinos de qualificação e demonstrou grande preocupação com a segurança dos pilotos. Mas foi em vão. Nada interrompeu a marcha sinistra para o seu dia fatal.

Às 13h40 do domingo, horário de Brasília, o jornalista Roberto Cabrini anunciava em tom pausado e grave a morte cerebral de Ayrton Senna. Em São Paulo, a cidade natal de Senna, uma tarde fria e nublada parecia emoldurar a profunda tristeza e o luto de toda uma nação. Senna tinha o carinho de pessoas em todo o mundo. O pentacampeão e amigo pessoal do piloto, o argentino Juan Manuel Fangio, o abalou profundamente (ver reportagem “A Última Curva”, *UOL Notícias*). No Japão, Senna era visto quase como um samurai, e a equipe de narração da TV daquele país anunciou seu falecimento aos prantos.

No Brasil, a notícia causou forte comoção. As ruas ficaram desertas. O governo declarou luto oficial de três dias, e o piloto recebeu honras de chefe de Estado. A aeronave que transportava seu corpo recebeu uma escolta de aviões de caça. Em solo, o cortejo do aeroporto ao local do velório era ladeado por mais de um milhão de pessoas que inundaram as ruas. Elas se aglomeravam nas calçadas, nos prédios e nas pontes, e até se viu gente pendurada nos postes de iluminação; algumas paravam atônitas ou com as mãos no rosto, em lágrimas.

O rosto de Senna nunca mais foi visto após o acidente, ocorrido quando tinha 34 anos de idade. Restaram as lembranças das vitórias épicas, de seu carisma, do gênio na pilotagem e dos valores espirituais e humanos. Restou aquele capacete amarelo que crescia no retrovisor dos pilotos. Ayrton era um leitor da Bíblia, costumava orar e tinha fé em Deus, o que deixou uma marca em seu túmulo onde está escrito um trecho de Romanos 8:38: “Nada pode me separar do amor de Deus.”

Uma perda dessa magnitude nos ajuda a ter uma ideia do que significa um luto coletivo. Em outro domingo cinzento, milhares de pessoas lamentavam em suas casas a morte de um grande Herói. Ele havia reanimado as esperanças de redenção do povo. Havia realizado curas inimagináveis e rompido a barreira da morte,

30 Semana Santa 2023

ressuscitando pessoas. Mas então, surpreendentemente, morreu! Em Lucas 24:13 a 27, dois discípulos, um deles chamado Cleopas (v. 18), que seguiam de Jerusalém para Emaús, conversavam sobre o ocorrido e lamentavam a morte de Jesus (v. 21).

Foi quando um Estranho Se aproximou e começou a conversar com eles. Era o próprio Jesus ressuscitado, mas não o reconheceram. Cristo começou a falar das profecias bíblicas sobre o sofrimento do Messias e Sua ressurreição. A ressurreição definiria em grande parte o testemunho dos primeiros cristãos. Porém, deveriam fundamentar sua fé na Bíblia. Hoje vamos refletir sobre esses dois pontos.

I. Não duvide do poder de Deus

Cleopas e o outro discípulo tinham ouvido falar dos relatos da ressurreição de Jesus, mas não acreditaram neles. Sabiam que as mulheres tinham ido ao sepulcro e que viram anjos (v. 22, 23); contudo, duvidavam. Não poderia ser verdade. Assim, eles não ficaram em Jerusalém para conferir. Para eles, tudo estava acabado.

Você já percebeu quantas vezes somos céticos, temos dificuldade para acreditar? Muitos cristãos não acreditam em qualquer coisa diferente do “normal”. Quantas vezes ficamos desconfiados de relatos maravilhosos e não acreditamos na ação de Deus! Não acreditamos que Ele faz milagres, que Ele realiza maravilhas.

É certo que hoje o sinal da igreja verdadeira não são os milagres e as maravilhas, mas a verdade com base na Palavra de Deus. No entanto, a igreja verdadeira também tem milagres, ela testemunha do poder de Deus. Ainda assim, muitos não acreditam, não valorizam coisas desse tipo e até têm medo de reconhecer a mão de Deus em certas situações. Você tem percebido os milagres de Deus em sua vida? Tem visto que o mesmo Deus do passado atua hoje? (Hb 13:8).

II. Jesus anela consolar Seus filhos

Os dois discípulos estavam tristes e frustrados. Não era uma tristeza comum. Era profunda. Alguém que representava muito para eles estava morto. Era um Herói em quem haviam depositado todas as esperanças. Em certos momentos na vida, a tristeza nos atinge. Mas o tamanho dela pode ser medido por como ela altera nossa vida. A morte de Jesus significava uma perda muito grande, pois Ele não era apenas um herói amado por Suas conquistas, mas pelo que representava para a esperança de Israel (Lc 24:21). Eles acreditavam que Jesus libertaria a nação de seus dominadores.

Tinham certeza de que Jesus era o Messias prometido, mas seu coração foi duplamente ferido, uma vez que tiveram:

(1) Uma decepção com os líderes da nação judaica. Foram os “principais sacerdotes” e as “autoridades” que tinham condenado Jesus à morte, apesar de Ele ter sido “poderoso em obras e palavras” (v. 19, 20).

(2) Uma decepção com o próprio Jesus. Embora tenham expressado que Jesus foi vítima da condenação da nação, de certa forma entendiam que Jesus tinha Se submetido à prisão. Para eles, Jesus tinha um poder sobre-humano que poderia ter usado para Se livrar daqueles que O prendiam. Com Sua inteligência fora do comum, poderia ter Se livrado do julgamento apenas com algumas palavras. Mas o que aconteceu? Jesus não falou nada. Não Se defendeu. Para os que acompanharam o julgamento, parece que Ele desistiu de viver. Seria isso um sinal de fraqueza? Jesus teria sido um impostor? Não podia ser!

Tudo isso os frustrava profundamente. A perda era grande demais para ser suportada. Você já ficou decepcionado com Deus? Já orou e buscou tanto uma resposta ou uma bênção que não veio? Orou tanto por uma pessoa doente, mas por fim ela faleceu? Já passou por situações em que Deus poderia ter agido, mas escolheu claramente não fazê-lo? Na caminhada cristã, muitas vezes passamos por situações assim, quando Deus parece não corresponder às nossas expectativas. Mas, geralmente, quando Deus não responde da maneira que nós esperávamos é porque Ele tem algo muito melhor para nos dar (Is 55:9). Existem coisas que não entendemos, e por isso precisamos confiar em Deus.

Jesus ansiava consolá-los. Ele poderia ter esperado um pouco, alguns dias ou meses para refletirem. Contudo, logo no primeiro dia da semana, Cristo saiu para consolar Seus discípulos. Ele não suportava esperar para aliviar o sofrimento deles. Geralmente pensamos que Deus só age em Seu tempo, que sempre é maior do que o nosso. No entanto, embora Deus tenha Sua maneira de ver o tempo, muitas vezes Ele não hesita em nos ajudar. Ele responde às nossas lágrimas. A grande questão não é Se Deus nos responde, mas se nós estamos abertos a ouvir Sua resposta.

É curioso pensar que os discípulos de Cristo estavam sofrendo desnecessariamente. Em várias ocasiões, Jesus tinha avisado que era necessário que padecesse nas mãos dos pecadores, fosse crucificado e ressuscitasse ao terceiro dia. Até os fariseus se lembravam disso (Mt 27:63). Deus nunca deixa Seu povo no escuro. Ele sempre guia Seu povo por meio de profecias, para que não sejamos surpreendidos nem enganados. “Certamente o Senhor DEUS não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o Seu segredo aos Seus servos, os profetas” (Am 3:7).

Muitos hoje estão confusos em relação a Deus, a Jesus, ao mundo, à morte, à salvação, etc. Muitos questionam: “Como poderei entender, se ninguém me explicar?” (At 8:31). Deus conta conosco para libertar as pessoas que não conhecem Sua Palavra. Precisamos manifestar a mesma compaixão de Jesus por essas pessoas.

“Como, porém, invocarão Aquele em quem não creram? E como crerão Naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue?” (Rm 10:14). Não podemos guardar conosco as boas-novas da salvação em Jesus. Muitas pessoas estão presas na escuridão. Precisamos libertá-las com o poder da verdade. Tudo o que você ouviu aqui e aprendeu na Palavra de Deus deve ser compartilhado com outras pessoas.

III. Os que buscam encontram

Embora estivessem confusos, os dois discípulos tentavam entender o plano de Deus. Eles criam que Jesus era profeta. Apesar de não entenderem o que tinha acontecido, não abandonaram sua fé em Cristo.

Mesmo que estivessem temporariamente cegos, eram filhos de Deus! Deus não rejeita Seus filhos porque eles não entendem Seus planos. O amor de Deus não esmorece apesar da memória curta e da pequenez de nossa fé. Ele é como um professor paciente que se empenha pelos alunos.

IV. A Palavra de Deus é a base de nossa fé

Numa situação semelhante, Jesus Se revelou a Maria Madalena (Jo 20:1-16), mas não Se revelou de início para os dois discípulos que iam para Emaús. Por que Jesus não Se revelou aos discípulos no caminho de Emaús? Porque Ele queria fundamentá-los na Palavra de Deus. Primeiramente, porque, apesar de estarem tristes, a causa de sua tristeza era a frustração de uma grande expectativa. Eles entendiam que o Messias viria de uma forma, mas Ele veio de outra. Isso exigia não apenas um mero consolo, mas uma mudança na compreensão da Bíblia.

Jesus havia ressuscitado – isso era fato. Entretanto, era algo a ser avaliado pela Palavra de Deus. Jesus ensinou que a igreja deve avaliar tudo à luz da Palavra de Deus. Muitos que hoje fazem milagres em nome de Cristo serão rejeitados por Ele (Mt 7:21-23).

Multidões buscam uma experiência com Deus, querendo que Ele Se manifeste pessoalmente a elas. Buscam ver ou sentir Jesus de alguma forma. Querem que Ele realize milagres, que faça maravilhas e revelações. O povo de Deus deve saber separar as coisas. A experiência é importante, mas acima dela deve estar a Bíblia.

A fé não pode se basear apenas na experiência, naquilo que vemos, ouvimos e tocamos. Tomé negava que Jesus tinha ressuscitado e só acreditaria se O visse e tocasse. Então Cristo apareceu e “lhe disse: Você creu porque Me viu? Bem-aventurados são os que não viram e creram” (Jo 20:29). A Palavra de Deus está acima da experiência. “Se não ouvem Moisés e os Profetas, também não se deixarão convencer, mesmo que ressuscite alguém dentre os mortos” (Lc 16:31).

Após ter Se revelado nas Escrituras, Cristo Se revelou na experiência. Ao convidar Jesus para jantar com eles, reconheceram Jesus pela maneira como agradeceu pelos alimentos. Possivelmente tenham visto os sinais nas mãos. Cristo escolheu Se revelar a eles para aprofundar sua fé. Cristo Se importa com nossa necessidade de conhecê-Lo pela experiência, por isso Ele Se revela a nós. Sem qualquer dúvida, o conhecimento de Cristo na Bíblia nos leva a uma experiência mais profunda com Ele. “Não é verdade que o coração nos ardia no peito, quando Ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?” (Lc 24:32). Após conhecer a Cristo nas Escrituras, temos segurança e convicção na experiência. Quando os dois discípulos viram a Cristo, não duvidaram, mas creram definitivamente. Foram consolados pela Palavra, o Filho de Deus (Jo 1:1), e pela Palavra, a Bíblia (Jo 17:17).

Hoje podemos conhecer a Cristo pela experiência através da Palavra de Deus. Assim como Jesus jantou com aqueles discípulos, Ele pode jantar com você: “Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a Minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, Comigo” (Ap 3:20).

Apelo

Vimos que Jesus não está aqui visivelmente, que Ele não pode ser visto com os olhos da carne. Mas Ele pode ser contemplado pelos olhos da fé. Nesta noite, o apelo de Deus é que você continue a conhecer Jesus por meio das Escrituras e tenha uma experiência viva com Ele. Tome uma decisão de estudar a Bíblia para encontrar nela a face de Cristo!

Salvos para sempre

Introdução

Ted Williams foi uma lenda do beisebol. É considerado o maior rebatedor da história desse esporte, o que o coloca ao lado dos maiores atletas de todos os tempos, no *hall* da fama. Williams faleceu em 2002, aos 83 anos. Dois dos três filhos do jogador gastaram na época 100 mil dólares para enviar o corpo para um laboratório no estado do Arizona, para que passasse por um processo de criogenia, ou seja, de resfriamento a temperaturas extremas. A filha mais velha foi à justiça contra a decisão dos dois meios-irmãos mais novos, insistindo que o último desejo do pai era ser cremado e que suas cinzas fossem espalhadas no mar.

Sob duras críticas, Claudia Williams, a filha mais nova, alegou em seu livro *Ted Williams, My Father* que “nosso pai sabia que queríamos algo para nos agarrar para ter esperança e conforto, pois sentíamos muito sua falta, e se a criogenia era a resposta, a solução era simples.” Na criogenia, o corpo é resfriado até 120, 180 graus abaixo de zero, a fim de preservar os sentidos e evitar o processo de decomposição. Seria “uma ambulância para o futuro”, como dizem, quando a medicina supostamente teria condições de devolver a vida às pessoas. Para Claudia, a filha mais nova e que, junto a seu irmão, lutou pelo resfriamento do corpo do pai, a criogenia era “como uma religião, algo em que poderíamos ter fé”.

Buscamos soluções para nossos dramas humanos. Jesus venceu, mas ainda morreremos. Jesus venceu, mas ainda sofreremos com doenças incuráveis. Jesus venceu, mas ainda temos que nos despedir das pessoas mais queridas. A obra de Cristo em nosso favor tem que avançar; precisamos que Ele termine o que começou. A boa notícia é que esse tempo está mais próximo do que nunca.

Também precisamos de consolo agora, enquanto Jesus não vem. Esse duplo consolo, de Jesus conosco agora e de Jesus pondo fim a todo o mal em um futuro próximo é fundamental para nossa paz no presente. Esse é o nosso tema de hoje.

I. Cristo realiza uma obra no Céu pela nossa salvação

Jesus tem um trabalho muito definido no Céu. Sua obra visa à nossa salvação. Ele realiza um trabalho de *mediação* entre Deus e os seres humanos. É como se Cristo fosse uma ponte entre o Céu e a Terra. “Porque há um só Deus e um só Mediador entre Deus e a humanidade, Cristo Jesus, Homem” (1Tm 2:5). Ele prometeu um Auxiliador [do grego *Parakletos*] para estar conosco, o Espírito Santo (Jo 14:16, 17). Mas Ele também é nosso Auxiliador [*Parakletos*], junto ao Pai – “Meus filhinhos, escrevo-lhes estas coisas para que vocês não pequem. Mas, se alguém pecar, temos Advogado [*Parakletos*] junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo” (1Jo 2:1).

Neste mundo de pecado, tristezas, injustiças e infelicidade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo nos ajudam com compaixão e amor. As lágrimas silenciosas que só nosso travesseiro conhece, Deus também vê e nos ajuda a superar. Quando nos vemos presos às correntes do pecado, o Espírito Santo nos lembra de que Jesus veio para destruir todas as prisões do mal. João estava em prantos quando lhe disseram: “Não chore!

34 Semana Santa 2023

Eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu” (Ap 5:5). Jesus Cristo é nosso único e verdadeiro Herói.

A Bíblia ainda diz que Jesus intercede por nós como nosso Sumo Sacerdote (Hb 8:1, 2). Nos primeiros livros da Bíblia, Deus deu instruções bem detalhadas sobre a realização dos sacrifícios de animais. Como já vimos nesta semana, todos os sacrifícios apontavam para o sacrifício definitivo de Cristo, que é “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1:29). Porém, esses sacrifícios eram oferecidos pelos sacerdotes e pelo sumo sacerdote. Os sacerdotes também eram auxiliados por seus irmãos, os levitas.

Diversos sacrifícios eram realizados. Sempre havia um sacrifício no altar de holocausto (Êx 29:35-41), simbolizando que os pecados do povo deveriam estar ininterruptamente cobertos pela intercessão. Era um serviço sagrado, que não poderia ser tratado descuidadamente, pois era uma forma de proteger o povo diante de Deus. Os sacerdotes Nadabe e Abiú, filhos do primeiro sumo sacerdote, estavam embriagados quando apresentaram fogo estranho no santuário, e foram mortos por Deus (Lv 10:1-3). Deus é santo e fogo consumidor para o pecado (Dt 9:3).

Os sacerdotes deveriam apresentar o sangue dos animais sacrificados diante de Deus para fazer expiação pelos pecados do povo (Nm 15:28). Eles ministravam no pátio, onde queimavam as ofertas, e no interior do santuário, onde respingavam o sangue. Dentro do santuário havia dois compartimentos: os lugares santo e santíssimo, que eram separados por um véu. Somente o sumo sacerdote podia entrar no lugar santíssimo uma vez por ano, para purificar o santuário (Lv 16).

Quando Cristo bradou na cruz “está consumado” e morreu (Jo 19:30), o véu do templo se rasgou de cima para baixo, indicando que aquele sistema de sacrifícios havia encontrado seu cumprimento em Jesus. O sangue de animais já não seria mais necessário, pois Cristo derramou Seu sangue na cruz. Ele nos substituiu ali de uma vez por todas.

Porém, o mais interessante é que não somente o sacrifício de animais foi substituído pelo de Cristo como oferta pelo pecado (Jo 1:29). Igualmente, o trabalho dos sacerdotes foi substituído pelo sacerdócio de Cristo. E o santuário terrestre foi substituído pelo celestial. Jesus Cristo é tanto a Oferta como Sacerdote. Ele intercede por nós no Céu como nosso Auxiliador, Advogado, apresentando Seu sangue.

Essa é uma das verdades mais negligenciadas e, ao mesmo tempo, mais importantes da Bíblia. É por desconhecê-la que as pessoas se sentem tão desamparadas. Em nossa sociedade individualista, não sabem da incrível obra que Jesus está realizando por elas. Isoladas, tentam curar as maldições do pecado com as promessas ocas das soluções humanas.

Jesus é nosso Sumo Sacerdote no santuário celestial: “Ora, o essencial das coisas que estamos dizendo é que temos tal Sumo Sacerdote, que Se assentou à direita do trono da Majestade nos céus, como Ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, e não o homem” (Hb 8:1, 2). Tudo o que veio antes – sacerdotes, cordeiros e santuário terrestre – eram apenas “figura e sombra das coisas celestiais” (v. 5). O templo de Deus no Céu é “o grande centro da obra pela redenção do homem” (Ellen G. White, *Cristo em Seu Santuário*, 1988, p. 29). E “nosso Redentor é o centro de toda a nossa fé e esperança” (Ellen G. White, *Evangelismo*, 1997, p. 172).

Pela fé, temos certeza de que Cristo intercede por nós, que Ele nos representa diante do Pai e que todos os nossos pecados estão cobertos por Sua obra vicária.

Pela fé entendemos que Ele vai voltar muito em breve. Assim, todo esse conjunto de esperanças nos consola e anima a viver.

No entanto, as profecias indicam que esse tempo de intercessão de Jesus está terminando. A profecia das 2.300 tardes e manhãs, ou 2.300 anos de Daniel 8:14 (peça para alguém lhe explicar esse tema), aponta que não falta muito tempo para Jesus voltar. As profecias de Daniel 2, 7 e 11 dão ainda mais detalhes. E o livro do Apocalipse, com seus períodos proféticos, os evangelhos e as cartas de Paulo, com suas instruções, nos ajudam a entender que estamos vivendo no fim do tempo do fim! Estamos mais próximos do que nunca do reino de Cristo.

II. Os sinais que apontam para o fim e o que vai acontecer

Poucos dias antes da cruz, os discípulos se aproximaram de Jesus e perguntaram: “Diga-nos quando essas coisas vão acontecer e que sinal haverá da Sua vinda e do fim dos tempos” (Mt 24:3). Então Jesus deu uma lista de sinais: o aparecimento de falsos cristos e falsos profetas; guerras e rumores de guerras, perseguições religiosas, traições e esfriamento do amor das pessoas e, por fim, a pregação do evangelho a todo o mundo, para todas as nações (v. 3-14). Ele falou de uma grande tribulação, anunciada pelo profeta Daniel (v. 15), que estava no futuro em Seu tempo, mas que do nosso ponto de vista histórico já aconteceu. Restam apenas os eventos finais.

Cristo virá nas nuvens. Mas para que Ele vem? Para buscar os filhos de Deus por toda a Terra. “Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem. Todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória. E Ele enviará os Seus anjos, com som de trombeta, os quais reunirão os Seus escolhidos dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus” (Mt 24:30, 31). Pouco antes de dar Sua vida na cruz, Ele havia prometido que voltaria para nos buscar: “E quando Eu for e preparar um lugar, voltarei e os receberei para Mim mesmo, para que, onde Eu estou, vocês estejam também” (Jo 14:3).

Ele vai buscar não somente os vivos, mas aqueles que morreram crendo Nele para a salvação. Quando Jesus vier nas nuvens do céu e as trombetas dos anjos soarem, “os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, sere-mos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro com o Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor” (1Ts 4:16, 17). Tendo essa doce esperança no coração, o apóstolo Paulo concluiu: “consolem uns aos outros com estas palavras” (v. 18).

Ninguém sabe o dia e a hora. Entendemos “os tempos e as épocas”, mas Jesus virá repentinamente, como um ladrão, pois ladrão não marca hora (1Ts 5:1, 2)! Ele ainda não veio porque é paciente para conosco (2Pe 3:9). “Porque o Dia do Senhor virá como um ladrão. Naquele dia os céus passarão com grande estrondo, e os elementos se desfarão pelo fogo. Também a terra e as obras que nelas há desaparecerão” (v. 10).

Cristo vem para pôr fim à história de pecado e inaugurar uma nova realidade em Seu reino eterno de justiça, saúde, paz e harmonia com Deus, entre os povos e em todo o Universo. Com palavras ternas, o livro do Apocalipse fala que “Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles e será o Deus deles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima. Já não existirá mais morte, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram” (Ap 21:4).

36 Semana Santa 2023

Em meio às dificuldades do presente, Ele está conosco (Mt 28:20). Nas crises mundiais, que se intensificam a cada dia, Ele está conosco. Em meio às falsidades e traições dos seres humanos, Ele está conosco. Quando reunimos, dois ou três, em nome Dele, Ele está conosco. Quando Ele vier para nos buscar, estará para sempre conosco. Deus também estará conosco para nos consolar e enxugar para sempre nossas lágrimas. Toda amargura, tristeza e todo trauma terão ficado para trás. Reencontraremos nossos queridos.

Viveremos em um lugar perfeito, com alimentos maravilhosos, ar puro, clima agradável, paisagem linda, sendo recebidos com um banquete sem igual (Ap 19:9). Adoraremos junto aos anjos. Teremos corpos perfeitos, sem nenhuma limitação ou deformidade. Trabalharemos com a mais plena satisfação nos mais incríveis projetos e realizaremos os maiores sonhos. Viajaremos pelas nuvens e pelos oceanos. Conheceremos seres que nunca pecaram.

Nunca mais teremos doenças, não envelhecemos. Um dia, você perceberá que viveu 1.200 anos. Mais à frente verá que já viveu 14 mil anos. Um pouco mais, perceberá que já viveu por 900 mil anos, e depois, 2 milhões de anos, 70 milhões de anos, um bilhão, um trilhão de anos. Na eternidade, as lutas desta vida, as coisas que nos fizeram chorar, ficarão tão distantes e pequenas, serão tão insignificantes que você vai dizer com lágrimas de gratidão: "Obrigado, Senhor, por ter feito tudo por mim. Obrigado por ter me salvado, por ter perdoado meus pecados, por Cristo ter pensado em mim quando estava naquela cruz. Obrigado porque Ele venceu a morte e me deu o direito a uma nova vida. Obrigado, Senhor, obrigado!"

Então, sem você perceber, uma mão tocará seu ombro. Essa mão tem uma cicatriz suave, a única imperfeição do mundo redimido. É a mão de Cristo e a marca da cruz. Ele vai dizer: "Foi por você, Meu filho, foi por você, Minha filha querida. Fiz tudo isso por você. Para Mim, nada foi mais importante do que ter você de volta." Em meio às ruas de ouro, caminhando pela movimentada capital do Universo, você vai se perguntar: "Isso é real mesmo?" E vai perceber que não estará em um sonho e que o maior sonho se tornou realidade. Vai ver que finalmente encontrou uma felicidade que jamais terá fim.

Ainda sofremos neste mundo, mas temos Jesus. Jesus venceu por nós e nos dá forças a cada dia para vencer. Nada pode nos separar de Seu amor e, por Sua força, graça e misericórdia, podemos vencer a cada dia (Rm 8:37, 39). Se cairmos, vamos levantar com Sua forte mão. Muito em breve veremos nosso amado Salvador retornando em glória como Rei dos Reis e Senhor dos Senhores (Ap 19:16). Louvado seja o Senhor!

Apelo

Diante de promessas tão incríveis, de uma esperança tão maravilhosa, qual é sua resposta Àquele que deu a vida por você? Ele intercede no Céu agora, como nosso Sumo Sacerdote, e está prestes a vir a este mundo. Você vai continuar ignorando o chamado de Jesus? Vai trocar as promessas eternas de Deus pelas coisas passageiras deste mundo? Cristo está chamando você. Ele apela a seu coração. Estude a Bíblia, ore, caminhe com Deus, aprenda mais sobre as profecias e deixe que Deus transforme sua vida! Ele está aqui com você. Ele o abraça com amor. Permita que Cristo seja o Senhor e o Salvador de sua vida até que Ele volte e o faça vencedor para sempre.

